

Maria Cristina Dadalto

**“A Representação Social Sobre A
Imigração Na Mídia Brasileira –
Mapeamento e análise dos
discursos comunicacionais.”**

Universidade Federal do Espírito Santo

Índice

Apresentação	5
Parte I	7
A. Perspectivas Teóricas e Referenciais	7
a) A matriz teórico-metodológica	7
b) O enquadramento teórico-metodológico da pesquisa	12
B. Percorso Metodológico	28
Parte II	31
A. Resultados e Produtos da Pesquisa	31
A. 1) O Brasil dos imigrantes	31
A. 2) Imigrantes na mídia jornal	42
A. 3) Os imigrantes na mídia revista	63
Parte III	76
A. Considerações Finais	76
Referências	83

Relatório técnico-científico final

Coordenação do Estudo:

Maria Cristina Dadalto

Investigadores:

Maria Cristina Dadalto
Márcia Barros F. Rodrigues

Apoio:

Andreia Foeger
Filipo Carpi Girão
Gabriel Tebaldi Meira

Estudo realizado com o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Equipe:**Maria Cristina Dadalto**

Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo
Coordenadora Científica do NEI. Membro do Laboratório de História das Relações Políticas Institucionais do PPGHis.

Márcia Barros Ferreira Rodrigues

Professora do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em História e de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo
Coordenadora Executiva do NEI. Membro do Laboratório de História das Relações Políticas Institucionais do PPGHis.

Andreia Foeger

Aluna do Curso de Comunicação Social da Universidade Vila Velha

Filipo Carpi Girão

Aluno do Curso de História da Faculdade Saberes de Vitória

Gabriel Tebaldi Meira

Aluno do Curso de História da Universidade Federal do Espírito Santo

Apresentação

O PRESENTE texto tem como objetivo relatar e analisar os resultados alcançados no desenvolvimento da pesquisa “A REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOBRE A IMIGRAÇÃO NA MÍDIA BRASILEIRA – Mapeamento e análise dos discursos comunicacionais”, realizada no período de novembro de 2009 a novembro de 2011, norteados pelo projeto – de mesmo nome – aprovado pelo CNPq, através do processo nº 480239/ 2009-6.

Para os historiadores Chauveau e Tétard (1999), quem escreve história imediata é testemunha e historiador, mas é igualmente ator, pois está em relação direta com o tema. Dessa forma, afiançam, deve-se ter claro que “antes de ser analista, o historiador é homem, cidadão, ator ou espectador e há alguns anos [...] ele reivindica ou reconhece cada vez mais seu próprio pertencimento à história.” (CHAUVEAU, TÉTARD, 1999, p. 28).

Tal como o historiador, o jornalista escreve a história do presente, é um ator e espectador dos fatos. E a mídia, nessa direção, compõe todo o conjunto que organiza e ordena a produção do jornalista, configurando-se como testemunho dos acontecimentos do fenômeno migratório no Brasil do século XXI. Até por este motivo, fornece pistas e esboços de interpretação para o pesquisador do presente e do futuro.

Tendo a perspectiva da história do presente como premissa, o objetivo básico que norteia esta pesquisa trata fundamentalmente do processo migratório contemporâneo representado na mídia brasileira. Vissa, assim, a realização de um mapeamento e a análise dos discursos comunicacionais publicados em revistas e jornais do país.

A análise desses discursos se apresenta como elemento central para a compreensão desse fenômeno, uma vez que há diferentes vozes articuladas e representações várias que se agregam ao processo migratório. Além disso, denotam seus aspectos mais significativos nos diversos segmentos da sociedade, propondo e/ou determinando uma visão sobre quem é este imigrante.

Neste sentido, questões como identidade, trabalho, cidadania, dentre outras, passam a definir signos e marcas diferenciadas – em sua construção histórica, que se expressa em determinados momentos – e que se distribuem em direções diversas. Dependem, para tal, do discurso

midiático, bem como das modalidades nas quais o imigrante, o meio de comunicação e o mercado de trabalho se estruturam.

Para tentar compreender tal projeto de construção histórica, organizamos o presente texto de modo a evidenciar a (re)elaboração que empreendemos no projeto original e os avanços que fizemos neste período de estudo, buscando sintetizar, ainda, as atividades que foram desenvolvidas ao longo do projeto. Para isto, ordenamos o presente relatório em três partes principais:

- **Parte I** – Envolvendo: a) Perspectivas teóricas e referenciais e b) o Percurso Metodológico. Na seção Perspectivas teóricas e referenciais reestruturamos teoricamente nosso objeto, em decorrência (i) do levantamento bibliográfico e (ii) dos estudos realizados pela equipe de pesquisa. Nesse sentido, a formulação que apresentamos neste relatório constitui um produto desta (re)elaboração e não uma simples retomada do marco teórico do nosso projeto, pois ela incorpora o amadurecimento da nossa reflexão teórica sobre o tema e a atualização do referencial temático. Procuramos, no entanto, preservar as linhas mestras, em especial no que diz respeito à matriz teórico-metodológica e o enquadramento conceitual da pesquisa. Efetivamente, os veículos jornalísticos escolhidos para estudos desta temática tiveram de ser reformuladas - no sentido de serem ampliadas em sua quantidade - tendo em vista a diferença entre o material produzido no meio revista e no meio jornal. Na seção percurso metodológico descrevemos o caminho percorrido para a concretização da pesquisa. São apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para a confecção deste estudo, a estratégia da pesquisa, as formas de tratamento e análise dos dados.
- **Parte II** – Resultados e produtos da pesquisa – Apresentação e análise das informações coletadas tanto na pesquisa bibliográfica e documental, quanto no mapeamento realizado como na análise dos discursos produzida, de modo a caracterizar as representações sociais construídas sobre os imigrantes e desvendar as percepções e sentidos comuns sobre o imigrante na mídia nacional.
- **Parte III** – Considerações finais.

Parte I

A. Perspectivas Teóricas e Referenciais

a) A matriz teórico-metodológica

A questão imigratória transformou-se em temática central nos debates políticos, econômicos e sociais de governos e organizações internacionais e, conseqüentemente, da mídia nos últimos anos. Desde o 11 de setembro de 2001 este assunto ganhou contornos apaixonados, inclusive, por parte da população que age dividida entre uma postura racional e emocional, cujas reações impulsivas, muita vez, conduzem a comportamentos contraditórios.

Este fenômeno ganhou delineamentos mais veementes após a crise financeira de 2008 e a atitude de quem é favorável e de quem é contra a permanência do imigrante no país de destino repercute social, econômica e politicamente nos países do ocidente e do oriente. Tal como ocorre na mídia em nível internacional, as manchetes sobre legislação imigratória, sobre deportações, sobre tráfico de pessoas, sobre os indocumentados, também estão presentes nas pautas dos veículos de comunicação no Brasil.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), as décadas de 1970, 1980 e 1990 foram marcadas por um grande crescimento dos fluxos migratórios mundiais. Na origem desse crescimento estão assentados milhões de latino-americanos, africanos e asiáticos. Todos, ou quase todos – a diferença se estabelece principalmente quando se trata do refugiado político –, em busca de uma melhor qualidade de vida.

O destino preferencial, neste período, de toda essa massa de pessoas: Estados Unidos e Europa. Contudo, com a crise financeira dos países da União Européia e dos americanos e a perseguição política (sempre fundamentada na legislação), a comunidade internacional viu emergir outros espaços de escolha: os países do Sul, Brasil incluído.

Dados fornecidos pela U.S. Border Patrol, a polícia fronteira estadunidense, em novembro de 2011, demonstram que o número de mexicanos que tentam atravessar a fronteira com os Estados Unidos é o menor dos últimos dez anos. Constatou-se, ainda, que muitos imigrantes indocumentados estão retornando ao seu país de origem. A polícia dos Estados Unidos – que usa o número de prisões na fronteira para

controlar o fluxo migratório com o México – assegura que o número de mexicanos detidos em 2011 é o menor registrado, cerca de 300 mil. O motivo estaria na crise econômica americana (MAZZI, 2011).

Em entrevista concedida a Cecília Araujo, repórter da revista *Veja*, o diretor geral da Organização Internacional de Migrações (OIM), William Lacy Swing, certificou existir, na atualidade, quase um bilhão de migrantes em todo o mundo. Sendo que, destes, 214 milhões fazem o movimento de migração internacional, e 740 milhões se deslocam dentro de seus próprios países.

Swing aprofundou, ainda, que neste total de deslocamentos, mais de 65% dos casos migratórios ocorrem no Hemisfério Sul, e, dentro deste índice, mais de 80% é composto por pessoas que fazem este movimento para países vizinhos. Para o diretor geral da OIM, uma das causas deste alto índice de deslocamento de pessoas em todo o mundo é a crescente superlotação demográfica de alguns países.

Afirmativa corroborada por Martine, Hakkert e Guzmán (2000) que consideram que a alta fecundidade e o crescimento demográfico acelerado promovem a emigração ao induzirem pressões sobre a infra-estrutura, os serviços e o mercado de trabalho. Esses autores, porém, admitem que a relação entre o tamanho, o crescimento, a densidade, a distribuição da população e a migração internacional não são determinísticas.

Marinucci (2008) recorre à imagem de um prato de macarrão para comentar a impossibilidade de produzir um mapa sobre os fluxos migratórios na contemporaneidade. Tal o nível de complexidade e diversidade das variáveis que se apresentam. Contudo, avalia que há dez fatores que podem ajudar a explicar esse cenário:

- a) aprimoramento e barateamento dos meios de comunicação e transporte;
- b) agências de tráfico de migrantes;
- c) redes sociais de migrantes;
- d) cultura de emigração;
- e) disparidades econômicas entre Norte e Sul;

- f) envelhecimento populacional e necessidade de trabalhadores;
- g) reunião ou reagrupamento familiar;
- h) estratégias dos governos dos países emissores;
- i) pessoas em busca de refúgio;
- j) refugiados ambientais e vítimas de projetos de desenvolvimento.

Analisados, mesmo que isoladamente, estes dez aspectos apresentam um alto nível de articulação e complexidade entre eles. Além disso, tal como colocado por Marinucci, a crescente socialização do acesso às informações e a melhoria da infraestrutura dos meios de transportes permitiu que os deslocamentos internacionais deixassem de ser, para muitos, uma aventura arriscada rumo ao desconhecido. Risco que se encontra diretamente relacionado à difusão de agências de tráfico de migrantes.¹

Também se apresenta como um desdobramento, a formação das redes sociais entre e de imigrantes. Com esta assertiva Marinucci (2008) alude a estruturação, nos países de destino de grupos coesos de migrantes – geralmente oriundos do mesmo país ou região geográfica – que tendem a dar continuidade a manutenção desse fluxo migratório inclusive após a redução ou o fim dos atrativos iniciais.

Na opinião de Portes (citado por MARINUCCI, 2008), os constantes contatos com a terra de origem, a capacidade de intercâmbio de informações e a flexibilidade de atuação permitem a essas redes criar mecanismos que facilitam a imigração dos conterrâneos, reduzindo significativamente os custos psicológicos e econômicos dos deslocamentos. Entrementes, há de se observar, que o desenvolvimento tecnológico modificou, tanto no aspecto quantitativo como qualitativo, a difusão e a

¹Para efeitos de compreensão desta pesquisa considera-se migração interna, o deslocamento de pessoas dentro dos limites do território de um país. Migração internacional, o movimento de pessoas entre fronteiras internacionais, resultando numa mudança do país de residência habitual. Migrante, o indivíduo que mudou de local de residência habitual, quer por ter atravessado uma fronteira internacional quer por se ter deslocado dentro dos limites do território do seu próprio país. Por isso, utiliza-se o termo imigrante ou migrante de modo indiscriminado.

intensidade dessas redes, e, em consequência, das relações dos indivíduos e dos grupos.

Adiciona-se a esta estratégia, o fato de existirem países ou regiões de países com forte tradição emigratória, onde os deslocamentos internacionais são alimentados por uma “cultura de emigração”. São áreas onde o fato de emigrar, antes que uma escolha naturaliza-se como um costume, um hábito, uma etapa fundamental no processo de iniciação social do jovem. No Brasil ficou conhecido nacional e internacionalmente o caso da cidade de Governador Valadares, de onde partiram centenas de pessoas para os EUA (SIQUEIRA, 2009)

Os emigrantes, especialmente os que residem em regiões que cultivam essa cultura emigratória, possibilitaram demonstrar que migrar para o exterior deixou de ser um tabu, uma prerrogativa de minorias privilegiadas ou escolha de destemidos e corajosos. Sendo que, na contemporaneidade, alimentada pela difusão das redes sociais e das inúmeras ferramentas tecnológicas de comunicação disponíveis para grande parte das populações em escala comercial.

Marinucci (2008), nada obstante, alerta para aspectos relacionados com o contexto da globalização neoliberal ao se produzir uma correta análise das migrações internacionais na atualidade, além desses fatores inerentes à dinâmica social do processo migratório. Para tal, destaca as disparidades econômicas entre os países economicamente mais ricos (Norte) e os países que as Nações Unidas definem “em desenvolvimento” (Sul).

As relações entre Norte e Sul foram exacerbadas, em muitos lugares, pela ação assimétrica da globalização de cunho neoliberal. Para Kurz (2005, p.28-29), “no mundo inteiro, a reprodução capitalista se reduz a ‘ilhas’, ou melhor, ‘oásis’ da produtividade e rentabilidade, em volta dos quais surgem desertos econômicos”. Em consequência disso, “surge uma enorme pressão social que leva à vagabundagem global da força de trabalho a qual migra em massa das crescentes áreas desertas econômicas em direção aos ‘oásis’ cada vez mais reduzidos”.

Ilhas de produtividade e rentabilidade, em especial localizadas no Norte, sobretudo na Europa e na América do Norte – Estados Unidos e Canadá –, e onde muitos países dessa região vivenciam um movimento de envelhecimento demográfico. Processo que tem provocado a

exigência de importar trabalhadores, a fim de responder às exigências do mercado e manter os atuais padrões de produção.

Essa demanda por importar imigrantes aparentemente traz no seu bojo uma relação de “encaixe” que desafia as tentativas de parte de Estados de controlar o fenômeno. Verifica-se, por um lado, a necessidade de mão de obra por parte dos países economicamente mais ricos e, por outro, o desejo dos cidadãos do Sul de melhorar suas condições de vida e seus padrões de consumo.

Contudo, há de se observar que há, por vezes, um incentivo a emigração promovida pelos próprios governos dos países emissores – fato que não pode ser generalizado – porém relacionado à crescente importância do envio de remessas por parte dos emigrantes. Mas, de acordo com Marinucci, não se deve desconsiderar que para alguns países pobres a emigração pode funcionar também como válvula de escape para afastar possíveis tensões e crises sociais, principalmente em áreas caracterizadas por uma alta taxa de natalidade. Além disso, há os deslocamentos populacionais forçados, daquelas pessoas obrigadas a fugir da própria terra.

Marinucci (2008) assinala, entretanto, que nos últimos anos, outro tipo de deslocamento geográfico se tornou mais comum e assustador: os assim chamados “refugiados ambientais”. Constituído por pessoas obrigadas a migrar por causa de secas, inundações, furacões e outras calamidades “naturais”. Cabe lembrar que esses fluxos migratórios forçados também decorrem de situações de injustiça e exclusão social.

Esses diversos fatores ampliam seu grau de complexidade e diversidade ao se analisar o contexto de crescentes modificações e crises no cenário internacional, principalmente nos países de destino para o imigrante. Isto porque, o fenômeno migratório está sempre associado a uma necessidade-ausência: trabalho aponta Sayad (2000). É pela falta dele que milhares de pessoas abandonam o espaço físico no qual está construído seu sentido de ser e de pertencer ao mundo. Necessidade que se transforma em ilusão de uma possibilidade criadora de mobilidade social a ser encontrada na cidade, em outro estado, em outro país.

Assim, compreender este fenômeno exige também apreender os processos que impactam o mundo do trabalho, tanto de países de origem como de destino dos emigrantes/imigrantes. Impactam, desta forma, as percepções e representações da sociedade nas relações de trabalho e no

papel do imigrante. Para Sayad (2000), é necessário pensar no fenômeno imigratório como um fato social total, e assim, compartilhado pela sociedade de origem e pela sociedade de destino.

Até porque, depois de dois séculos de funcionamento da sociedade industrial, o trabalho tem se deslocado e se relativizado enquanto categoria social. Isto, em função do progresso e das inovações tecnológicas que têm permitido enorme economia de mão de obra e estão presentes na origem mesmo do desemprego crescente em praticamente todos os países. Assim, o homem moderno se vê confrontado, cotidianamente, com as múltiplas forças sociais em ação, com sua herança histórica e cultural e com os apelos e imposições das tecnologias.

Assim, tendo como suporte a compreensão do fenômeno imigratório se articulam os dois momentos teórico-metodológicos desta pesquisa: o **primeiro**, o que contempla uma discussão sobre o significado de ser imigrante, o processo imigratório na atualidade e a centralidade do trabalho neste processo. Nesta abordagem, Bauman (2004) assevera que é necessário pensar no “lugar” que ocupa o imigrante e a capacidade econômica dele se apresentar como investimento ou como custo à sociedade de destino. **No segundo momento**, o papel da mídia e as representações sociais.

b) O enquadramento teórico-metodológico da pesquisa

Na perspectiva desse projeto, procuramos trazer ao debate a problemática da centralidade do ser imigrante, o que consideramos teórica e socialmente importante. Esta questão – quando se trata do estado da arte nos estudos imigratórios – tem marcado a discussão sobre esse fenômeno, associada a uma compreensão do papel da centralidade do trabalho nos tempos atuais.

Fato de dupla dimensão, coletivo e individual (SAYAD, 1998), a complexidade do processo emigratório/imigratório² é narrada desde a Antiguidade clássica por meio das aventuras de Ulisses. Nos últimos dois séculos teorias econômicas, demográficas e sociológicas tentam explicar as motivações de quem deixa seu país, sua cidade de pertenci-

²Emigratório/imigratório porque o imigrante vive esse processo duplamente. Ele sai de sua terra natal, de sua casa. Para os seus ele é um emigrante. E ele chega a outro destino, onde é um imigrante (DADALTO, 2009)

mento, seu lar, seus amigos e sua família para se assentar, temporariamente ou permanentemente, em outro local.

O tema, contudo, a despeito de sua importância, não se apresenta autonomizado (PEIXOTO, 2004) nas Ciências Sociais. Se a esse fator, se apresenta de um lado, uma aparente desvantagem para sua análise, por outro, possibilita a interdisciplinaridade que se necessita ao se refletir sobre sua amplitude. Pensar neste fenômeno nos remete sempre a uma dupla dimensão, qual seja à sociedade de origem e de destino.

Isto tanto no que se refere à questão demográfica, que influencia a dimensão das duas populações; à econômica, cujos fatores de expulsão, de onde se sai, e atração, para onde se vai, podem provocar mudanças; política, com relação às restrições de liberdade coletiva e individual, aplicadas a quem pretende ultrapassar a fronteira; psicológica, no sentido do envolvimento do migrante no processo de tomada de decisão, entre outros; e, por fim, na questão sociológica, que envolve tanto a estrutura social como o sistema cultural do lugar de origem e de destino.

A interdisciplinaridade do tema migração é de tal relevância que apenas um autor, Ernest G. Ravenstein, é considerado clássico. Seus estudos são alicerce para modelos de análise de fatores de atração e expulsão, os quais consideram que no centro do processo migratório há uma decisão racional do agente que vai avaliar sua permanência ou migração de acordo com as informações sobre a região de destino e de origem.

De fato, os fatores de atração e expulsão são amplamente apresentados por grande parte daqueles autores que analisam o processo migratório. Contudo, para o desenvolvimento desta pesquisa, tenciona-se refletir sobre o processo migratório a partir do viés sociológico de fato social total apresentado por Sayad. Isto é, entender desde as condições que levam a emigração até as formas de inserção do imigrante no país de destino.

Sayad (1998) considera que além das condições que engendraram o deslocamento em sua origem é preciso também analisar o significado desta mudança no espaço físico e qualificado: em seu sentido social, econômico, político, histórico e cultural. Pensar o imigrante na sociedade tanto em sua dimensão diacrônica, ou seja, em sua história demográfica, política da formação, etc., como sincrônica, do ponto de

vista das estruturas presentes de seu funcionamento do contexto de saída ao contexto de chegada.

Dimensões que trazem em si a relação com o tempo, com a memória, com a nostalgia, de maneira a mesmo estabelecer enlace com a metáfora mítica de Ulisses — o herói que experimenta em sua aventura de exílio temporário, o esquecimento, a supressão da lembrança da pátria e o desejo de retornar — e a orientar o modo de pensar a imigração para o ponto de vista do imigrante. Aquele que precisa lembrar que “Estar no mundo humano é estar vivo à luz do sol, ver os outros e por eles ser visto, viver em reciprocidade, lembrar-se de si e dos outros”. (VERNANT, 2000, p. 101).

Segundo Sayad (2000) é pela falta do trabalho que milhares de pessoas abandonam o espaço físico no qual está constituída sua experiência de vida. Necessidade que se transforma em ilusão de uma possibilidade criadora de mobilidade social a ser encontrada na cidade, em outro estado, em outro país. Assim, qual o estatuto do emigrante-imigrante?

Ao se tentar estabelecer uma discussão sobre estes aspectos assinalados deve-se marcar como ponto de partida um princípio comum: a dualidade da dimensão emigrante-imigrante. Estar presente num espaço, como imigrante, significa estar ausente do outro, como emigrante. Estar numa relação de convivência com um grupo, como imigrante, requer não compartilhar o cotidiano de seu grupo original. Mesmo que se esteja repartindo o cotidiano com um mesmo grupo de origem em outro país de destino.

Estabelecida esta dualidade pode-se analisá-la em toda sua complexidade em relação ao tempo e ao espaço físico: o geográfico, o social, o antropológico, o político, o econômico, o psicológico, o histórico. Enfim em todas as dimensões que o ser humano se constitui como ser social, que interage, constrói e (re)constrói sua história.

A ambigüidade desta dualidade emigrante-imigrante cria marcas, muitas indeléveis, uma vez que tanto a ausência (emigração) como a presença (imigração) possibilitam efeitos no curto, no médio e no longo prazo. Estes se apresentam, para o imigrante, como sinais na evocação sonhadora do cotidiano nos lugares longínquos do tempo passado, numa existência, muita vez, irreal com base numa presença-ausência fantasmagórica que se desenvolve simultaneamente à vida presente.

“Essa realidade e as superações empreendidas para poder vencê-las

não são somente dados da experiência subjetiva e individual [...] São dados essencialmente políticos, constitutivos do nosso ser político...” ressalta Sayad (2000, p.20). Entrementes, a este processo não se pode referir apenas ao ser emigrante-imigrante. Com ele compartilham a sociedade de emigração e a de imigração.

Ao se apor a sociedade no contexto migratório, revela-se um outro conceito constitutivo do processo: o de retorno. De acordo com Sayad, a noção de retorno é uma reação comum à condição de emigrante e imigrante, que a coloca como um sonho, como um desejo no imaginário dos migrantes. É um retorno, novamente repleto de ambigüidade, pois não se é mais quem partiu, nem se pode encontrar o que se deixou na mesma situação. A transformação somente ocorre quando o próprio imigrante assim deixa de se descrever, de se denominar, de se perceber como tal (SAYAD, 2000).

Também de acordo com Gibney (2009), o que move as pessoas em seu deslocamento para outros países, e internamente em seu próprio local de nascimento, é a busca de mais e melhores oportunidades econômicas para si e para suas famílias. Ou, como acontece com os refugiados, para procurar um país em que se possa desfrutar de direitos básicos e de segurança. Entrementes, adverte que a desigualdade socioeconômica entre estados e regiões é um dos principais fatores a impulsionar a migração.

Gibney alerta para o fato de que a migração não é puramente uma consequência da desigualdade, como também uma causa para tal – uma vez que, em geral, inclui pessoas que passaram a maior parte das suas vidas em um país mais pobre. Logo, com pouca oportunidade de acumular o capital ou os recursos comumente realizados por residentes estabelecidos no país de destino.

Todavia algumas das mais importantes desigualdades geradas pela migração contemporânea não é econômica, e, sim, política. O movimento de pessoas entre jurisdições soberanas normalmente (com exceção da dupla nacionalidade) envolve quem se desloca de um país onde detém pleno direito, para um em que, muita vez, fica à margem de qualquer direito.

Desse modo, o movimento migratório poderá originar contingentes de indivíduos excluídos de cidadania, posto que, residindo em lugares nos quais não são considerados como membros efetivos, permanecem

alijados dos direitos reservados aos nativos. No entanto, cabe lembrar, que em quaisquer países, do mais rico ao mais pobre, do mais democrático ao mais autoritário, a sociedade é constituída por indivíduos cidadãos e não cidadãos.

Painel sobre o fluxo imigratório na contemporaneidade produzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em 2009 revela que, apesar das incertezas do processo, há uma quantidade de migrantes que consegue prosperar, aliando os seus próprios talentos aos recursos existentes nos países de origem. Conseguem, assim, obter benefícios para si próprios e para familiares próximos, que os acompanha na aventura ou que ficam na cidade ou país de origem. Já os que não conseguem obter os serviços de apoio de que necessitam para se desenvolver, vivenciarão outro sentimento.

Para Kristeva (1994) ser estrangeiro, ou ser imigrante, implica numa posição que pode aparecer como finalização da autonomia humana e, portanto, como uma ilustração maior daquilo que a humanidade tem de mais intrínseco, de mais essencial. Mas se há tanta dor, porque por séculos subseqüentes o homem continua a buscar o exílio para suprir a falta do trabalho?

Neste caso pela convicção de que isso não passa de uma provação passageira, que comporta em si mesma sua própria resolução, ou a certeza de que haverá uma melhoria substancial em sua qualidade de vida. Mesmo que nessa melhoria esteja implícita a certeza de uma carga horária de atividade e um esforço físico muito superior ao realizado em seu país de origem.

O trabalho, sopesa Sayad, é a razão de ser do imigrante, que o domina em todo seu conteúdo:

nossa representação do mundo atual, toda a inteligência do fenômeno migratório, da emigração e da imigração, que, sem ele, seriam incompreensíveis e intoleráveis sob todos os pontos de vista, intelectual, ético, econômico, cultural e não apenas politicamente (SAYD, 2000, p. 21).

A reflexão produzida por Sayad e Gibney vai ao encontro do relatório produzido pelo PNUD em 2009 que busca desmitificar análises e sentidos comuns de que o imigrante, modo geral, representa um custo para os países de destino. Os dados coletados indicam que os migrantes

estimulam a produtividade econômica e dão mais do que aquilo que recebem nos países de destino.

Investigações produzidas pelo PNUD mostram que a imigração aumenta, geralmente, o emprego junto das comunidades de acolhimento, não expulsa os nativos do seu mercado de trabalho e melhora as taxas de investimento em novos negócios e iniciativas. De uma maneira geral, o impacto dos migrantes nas finanças públicas – tanto ao nível nacional como local – é relativamente pequeno, e existem claras evidências que apontam para benefícios em outras áreas como a diversidade social e a capacidade de inovação.

O estudo realizado evidencia que os benefícios para as pessoas que migram poderão ser enormes. Isto porque, os migrantes dos países mais pobres que se mudaram para países mais ricos viram os seus rendimentos aumentar, em média, para valores 15 vezes superiores relativamente às quantias que auferiam antes de terem mudado. Comprovam, além disso, um aumento no desenvolvimento do nível educacional tanto dos imigrantes como dos descendentes – com crescimento para o dobro nas taxas de escolarização –, e redução da mortalidade infantil para valores 16 vezes inferiores aos registrados anteriormente.

Não obstante, o PNUD alerta aos países de origem dos imigrantes para o fato de que a emigração de seus cidadãos não substitui o desenvolvimento. No entanto, assegura que a mobilidade traz frequentemente novas ideias, conhecimentos e recursos – tanto para os imigrantes como para os países de origem – que poderão complementar e até otimizar o desenvolvimento humano e econômico. Em muitos casos, o dinheiro enviado para os seus países excede a ajuda pública.

Os benefícios produzidos pelos imigrantes são muitas vezes partilhados com as famílias e com comunidades dos países de origem. É comum que sejam enviados como remessas monetárias, mas as famílias também poderão se favorecer de outros modos. São as chamadas “remessas sociais”, que incluem reduções na taxa de fertilidade, no nível de escolarização mais elevado e no aumento da participação das mulheres na vida pública.

O PNUD também defende que a saída de trabalhadores altamente qualificados, tais como médicos, como enfermeiros e como professores – uma preocupação central de uma série de países em desenvolvimento que está perdendo estes profissionais – é, sobretudo, um sintoma, mais

do que uma causa, da existência de sistemas públicos inadequados. Isto porque, quando integrada em estratégias de desenvolvimento nacionais mais amplas, a migração complementa o desenvolvimento social e econômico.

Ainda, segundo o estudo do PNUD, a maior parte dos imigrantes se sente feliz no país de destino. Por que, apesar de todo o sacrifício físico e emocional, conseguem alcançar melhores rendimentos, melhor acesso à educação e à assistência médica e melhores perspectivas de vida para os seus filhos. Verificam quantitativamente e percebem qualitativamente que suas vidas – e em geral a de sua família – mudou.

Mas o que significa, em termos da representação social constituída no cotidiano dos imigrantes, esse sentido de felicidade? Para Berger e Luckmann (2002), os conceitos realidade e conhecimento correspondem a nexos sociais específicos, que são essenciais para a afirmativa que apresenta o real como resultado de um processo de construção social.

Formados por aspectos subjetivos e objetivos presentes no dia a dia, os contextos sociais podem ser diferenciados a partir das experiências decorrentes da interação e da comunicação entre as pessoas. Assim, como o cotidiano é fundado por fatos e ações relacionadas à tessitura em que se vive, todo o processo instituído na conduta cotidiana dos indivíduos é carregado de significado cultural, e este é dado pelas representações sociais.

Desse modo, as concepções sobre o real possuem uma dinâmica específica, apesar de coexistirem e dependerem de uma dada realidade e do seu próprio conhecimento para serem efetivamente consideradas. Entrementes, Milesi e Marinucci (2007), consideram que o processo migratório contemporâneo promove algumas mudanças no caráter migratório distintas daquelas estabelecidas até meados do século XX.

Apoiando-se na perspectiva de Bauman (2004), asseguram que na visão do neoliberalismo os imigrantes podem ocupar um determinado lugar no país de destino, conforme seu enquadramento, em classificação apurada como: consumidores, produtores, mercadorias ou refugos. E o que irá definir o “lugar” que este indivíduo vai ocupar é justamente sua capacidade de ser “bom” consumidor. De que forma?

O que está em jogo nesta avaliação é a capacidade econômica do indivíduo imigrante se apresentar como investimento ou como custo à sociedade de destino. Assim, quem possui capital para consumir, tam-

bém pode investir, é bem aceito, bem recebido. Ele é querido pelo país de destino. Quem é produtor, especialmente de capital simbólico – empresário e mão de obra qualificada – também circula com facilidade.

Já o trabalhador desqualificado terá de se submeter e aceitar baixos salários e condições precárias, e, provavelmente, será mais um a necessitar o apoio de políticas públicas governamentais: representa custo. Portanto, este imigrante ocupa outro lugar no desejo das sociedades receptoras. A representação a ser construída, sobre o papel que exerce, não encontra a mesma receptividade por parte de Instituições Públicas e dos cidadãos.

Além disso, pobre e sem qualificação profissional, esse migrante ainda poderá ser enquadrado na categoria mercadoria, comprado e vendido como produto ou refugo pelos traficantes de pessoas (BAUMAN, 2004). Estar na condição de mercadoria ou refugo humano, por sua vez, faz com que aumente sua invisibilidade, seja por interesse próprio – em geral é indocumentado –, parte do governo – que faz vista grossa, atendendo a interesses específicos – ou empresarial.

“É uma enorme massa de gente supérflua”, avalia Bauman (2009, p. 80). Pessoas que inseridas no mundo do livre mercado, da livre circulação financeira, perderam todos os meios de se sustentar e que por razões diversas, sobretudo de qualificação, deixam de ser vistas como capazes em termos produtivos. Portanto, para o capital, não são aptos para oferecer seu bem mais precioso: a exploração de seu trabalho.

Ainda segundo Bauman “A indústria moderna (aquela que construiu uma ordem e que representava o chamado ‘progresso econômico’) produziu gente supérflua.” A arquitetura dessa ordem, por sua vez, levará sempre a “liquidação dos supérfluos, pois – se querem que as coisas estejam em ordem, se querem substituir a situação atual por uma ordem nova, melhor e mais racional – [...] certas pessoas não podem fazer parte dela” (BAUMAN, 2009, p. 80)

O que é necessário ter claro, ressalva, é que esta não é uma história nova. Basta que rememoremos o processo de modernização da Europa no XIX e a grande onda imigratória transoceânica para as Américas, Sul da África, Nova Zelândia e Austrália. Contudo, também é indispensável estabelecer a diferença entre aquele movimento e o atual. Naquela época havia inúmeros países que queriam ser o depósito da superfluidade produzida na Europa, caso do Brasil.

Na contemporaneidade, tudo muda. O estilo de vida, o modelo produtivo, financeiro e de consumo da modernidade não possuem mais fronteiras, em consequência todos os países produzem supérfluos. No entanto, esses supérfluos da modernidade carregam em seu imaginário, na sua marca identitária, a história de seus antepassados que – refugos que foram – saíram de suas pequenas vilas e sobreviveram, venceram aquela miséria.

Hoje, acreditam que é o caminho de volta às terras do Norte – que livre do refugio enviado para fora da Europa prosperou – que lhes possibilitará arranjar um trabalho, consumir, ser um cidadão tal como seus progenitores. Ou seja, sonham vencer, mas se nada disso for possível, simplesmente continuar tentando perseguir um roteiro utópico de esperança inscrito há séculos na memória humana.

Estas questões nos dão a dimensão da centralidade do trabalho e das novas tecnologias de comunicação nesse fenômeno, bem como ilustram como a ordem do cultural contém elementos de nova complexidade. Isto porque, o desenvolvimento e ampliação em escala global das novas tecnologias de comunicação ajudam a redimensionar no imaginário da sociedade a projeção de um espaço cibernético de convivência social.

Neste sentido, as redes sociais bem como diversas tecnologias de comunicação constroem e reforçam uma possibilidade ilusória de ser possível viver, sonhar e construir uma vida digna nos países do desenvolvimento e do consumo. Nelas, os comentários e fotografias de amigos e parentes, cujos espaços-geográficos virtuais indicam total queda de barreiras, escondem as desigualdades de acesso à cidadania.

Articulam-se, desta forma, novas formas de iniquidade que se apresentam no cotidiano da sociedade. Ordenando, de maneiras dissimuladas, as fronteiras a serem ultrapassadas por aqueles que são considerados supérfluos – considera-se aqui desnecessário discutir as possibilidades daqueles que são considerados um investimento, pois estes já possuem passaporte carimbado para suplantar todas as fronteiras sem questionamentos. A grande questão a se refletir é acerca da centralidade das tecnologias da comunicação no imaginário do imigrante.

Esta centralidade e o papel que exercem no cotidiano podem ser avaliados por meio dos dispositivos de visibilidade criados de forma estratégica e compulsiva com vistas a reger e seduzir os indivíduos na atualidade – com fins diversos, não especificamente voltados aos imi-

grantes. Como não participar do olhar sedutor (e planejado) de uma rede social que organiza e transforma estilos de vida dos indivíduos e fatos por estes vivenciados em “objetos” ou “mercadorias” para serem ajuizados e, possivelmente, consumidos?

Por outro lado, este dispositivo que a mídia detém, afiança Rodrigues (1990), contém uma dimensão panóptica capaz de impressionar mais a imaginação do que o sentido. Autoriza, assim, uma falsa equivalência entre o poder e o querer, uma crença de reciprocidade entre vigilante e vigiado. Constrói-se, nesta perspectiva, um mito de transparência total e que permite aos *media* um controle do indivíduo à medida que ele necessita ter acesso aos meios de comunicação em busca de informação, de lazer, de formar comunidades de trocas diversas (WEBER, 2006).

Neste sentido, aponta Thompson (2004), é necessário articular a transformação econômica industrial da modernidade com a da mídia, pois o desenvolvimento da mídia está entrelaçado, de modo fundamental, com as principais mudanças institucionais que modelaram o mundo moderno. É a mídia quem dá suporte a popularização da informação e as subsequentes alterações da organização social do poder simbólico. O uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, diferentes tipos de relações sociais e de maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros grupos e consigo mesmo.

Quando os indivíduos usam os meios de comunicação eles entram em formas de interação que diferem dos tipos de interação face a face que caracterizam a maioria dos nossos encontros cotidianos. Eles são capazes de agir em favor de outros fisicamente ausentes, ou responder a outros situados em locais distantes. De um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e de interação, e novas maneiras de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local comum” (THOMPSON, 2004, p. 14)

Entende-se, assim, que o papel dos meios de comunicação possui uma dimensão simbólica que não pode ser reduzida ou minimizada nas

análises das diversas dinâmicas cotidianas da sociedade, sobretudo na atual fase do desenvolvimento tecnológico e das novas mídias digitais. É na ação de produzir, armazenar e fazer circular os meios de comunicação que os indivíduos e grupos constroem e reconstróem novos significados no contexto de suas vidas privadas e coletivas.

Para tal, é indispensável que se perceba a comunicação mediada como um fenômeno social contextualizado, incrustado em conjunturas sociais que se estruturam e se desestruturam de maneiras diversas e assim se retroalimentam. Isto é, comunicação como causa e efeito da produção simbólica e da subjetividade do indivíduo ou dos grupos em quaisquer das circunstâncias em análise.

Refletindo sobre o papel da comunicação na vida dos imigrantes Milesi e Marinucci (2007, p. 30) consideram que:

nos últimos anos, a melhoria e o acesso aos meios de comunicação e transportes provocaram mudanças radicais na jornada migratória de muitas pessoas. Agora é possível manter contatos constantes com o lugar de origem. A migração internacional não elimina necessariamente as relações entre migrantes e seus parentes que não migram.

A possibilidade de manutenção dos laços simbólicos com familiares e com amigos – seja por meio do contato virtual promovido pelos meios eletrônicos, entre outros – introduz, por sua vez, uma nova dualidade no sentido de ser imigrante. Nessa direção, a mobilidade geográfica passa a ser também compreendida como elemento constitutivo do ser humano, que possibilita transcender as fronteiras geográficas e culturais na construção da identidade.

Nesta direção, a abordagem teórico-metodológica das representações sociais, como fenômeno multidisciplinar, permite refletir sobre o modo como os grupos e ou os indivíduos lutam para dar sentido ao mundo cotidiano. Como fazem para entendê-lo e para nele encontrar o seu lugar, na conformação de uma identidade social e individual.

Junqueira (2005) considera que cabe às representações articular tanto o sentido da vida coletiva de uma sociedade como o processo de constituição simbólica, nos quais sujeitos sociais lutam para dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar o seu lugar, por meio de uma

identidade social e individual. Nesse processo, os aspectos objetivos vigentes na vida diária também estão vinculados à subjetividade garantida por meio da situação, considerando que se manifestam em produtos da atividade humana e neles são apreendidas por meio da expressividade.

De acordo com Junqueira (2005), as representações estão radicadas na arena pública e nos processos por meio dos quais desenvolvemos uma identidade, criamos símbolos e nos abrimos para a diversidade de um mundo de outros. Até porque, ao tratarmos especificamente do imigrante, a mudança da posição do indivíduo na sociedade se afigura como uma questão de ordem racional, simbólica e afetiva, vez que está relacionada à experiência de vida, à memória, à família e aos amigos que permanecem no país de origem.

O processo migratório representa, tanto para os indivíduos quanto para as sociedades neles envolvidos, uma mudança que corresponde à transformação do padrão da ordem social. Envolve dualisticamente desde aspectos socioculturais, econômicos, políticos aos geográficos e jurídicos, tanto dos que permanecem no país de origem como dos que partem e daqueles que os recebem nos novos destinos além das suas fronteiras territoriais.

Desse modo, refletir sobre determinado grupo de indivíduos envolve compreender uma dada comunidade interpretativa de pessoas que, habitualmente, produz representações de um tipo particular para outro e que, ainda, utilizam-nas rotineiramente para objetivos padronizados (BECKER, 2009). As representações são, assim, elaboradas em meio a processos de práticas sociais, trocas e interações, constituindo-se no meio entre o individual e o social. Partilham um objeto comum e, por serem compartilhadas, efetivam divisões específicas que conferem autonomia ao sujeito.

No compartilhamento das concepções ativam-se conhecimentos complexos. Dessa maneira, permite-se ponderar que os espaços a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e falar são edificados a partir de discursos e de sistemas de representação (WOODWARD, 2000). Nesse caso, ajuíza-se que a identificação – dada pela ação e, posteriormente, pela atribuição dos significados relevantes para tal ação – é determinada pelo contexto social em que ele está inserido.

Os significados produzidos pelas representações é que permitirão ao sujeito dar sentido à sua experiência e àquilo que ele é. Estabelece-se,

então, um processo cultural no qual as identidades individuais e coletivas, configuradas em sistemas simbólicos, fornecem possíveis respostas às inúmeras questões que surgem corriqueiramente. Segundo Jovchelovitch (1995) são as mediações sociais, nas mais variadas formas, que geram as representações sócias.

As representações sociais são estabelecidas por duas formas específicas: a objetivação – que consiste na atribuição da materialidade e na transformação de um conceito em imagem – e a ancoragem – que se fundamenta no princípio de familiaridade, por meio do qual é possível localizar o novo objeto nas categorias pré-existentes. Para Jovchelovitch:

objetivar é também condensar significados diferentes – significados que frequentemente ameaçam, significados indizíveis, inescutáveis – em uma realidade familiar. Ao assim fazer, sujeitos sociais ancoram o desconhecido em uma realidade conhecida e institucionalizada e, paradoxalmente, deslocam aquela geografia de significados já estabelecida, que as sociedades, na maior parte das vezes lutam para manter (JOVCHELOVITH, 1995, p. 82)

Dessa maneira, as representações configuram-se como fenômenos complexos e ativados na ação da vida social. Simultaneamente elas desafiam e reproduzem, repetem e superam, possuem diversos elementos nas dimensões informativas, cognitivas, ideológicas e normativas. Conformam crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens. Isto porque, a configuração do sistema de crenças ou de representações sociais que constitui cada sociedade e que esta compartilha entre si é que consente a comunicação ou a troca de sentido entre seus membros.

A comunicação funda-se neste processo como sustentáculo das formações sociais, pressupondo sempre a existência de dois códigos compartilhados e interdependentes: o linguístico e, a partir dele, o ideológico – que é o sistema de crenças aludido. Contudo, possuir a mesma formação social não significa compartilhar necessariamente todas as idéias daquela sociedade ou grupo. Mas pressupõe um determinado nível de compartilhamento.

Segundo Lefevre e Lefevre (2010, p. 21) “os sistemas simbólicos e, dentro deles, as Representações Sociais não se dão no vazio, já que,

numa larga medida, são influenciadas por condições relativas a seu contexto histórico e de infraestrutura.” Ainda segundo estes autores, as representações estão sob o efeito dos atributos ou dos lugares de onde os indivíduos falam. Assim compreendida a nacionalidade, gênero, religião, idade, nível de instrução, profissão, estrutura física, história de vida, além de outros fatores.

Têm-se definido teoricamente, portanto, que as representações sociais são “reelaborações, metabolizações de conhecimentos e informações geradas em um certo número de espaços sociais onde, modernamente, tais conhecimentos são produzidos e/ou difundidos” (LEFEVRE; LEFEVRE, 2010, p. 23). Afiguram-se como espaços sociais os meios de comunicação virtuais, impressos, audiovisuais, as instituições de ensino, centros religiosos, equipamentos culturais, locais de trabalho, núcleo familiar, entre outros.

É nesta perspectiva que esta pesquisa se propõe a analisar a correlação entre a imigração e a produção discursiva sobre essa temática realizada pela mídia nacional. Nesta acepção, as representações de indivíduos, de grupos ou de comunidades são ressignificadas pelo receptor, segundo alguns aspectos básicos – a saber, o modo como as matérias jornalísticas são enunciadas, a contextualização e o conhecimento que têm do fato, a linguagem, entre outros.

De acordo com Cádima et al. (2003, p.5) “Como sistema de representação e atendendo especificamente à sua função social, o facto é que os *media* raramente assumem com a clareza e rigor desejáveis a essa sua responsabilidade.” Deste modo,

O discurso sensacionalista, a linguagem do espectáculo do real, a actualidade trágica e a catástrofe, o *fait-divers*, a curiosidade e o monstruoso, etc., vão preenchendo o campo narrativo dos *media*, deixando pouco espaço a rigor, à contextualização e, enfim, ao humano (CÁDIMA *et al.*, 2003, p.5).

Entende-se, desse modo, que a mídia, ao produzir seu discurso, apresenta-se como campo legitimador da percepção, do sentimento coletivo e dos mitos edificadas. Ela vai atuar na ordenação do campo simbólico que configura as representações no qual normas de condutas, valores e comportamentos são institucionalizadas. Bem como no da

produção de práticas que se estabelecem na esfera pública nacional e local acerca de indivíduos, grupos ou comunidades. Como consequência, contribui para o desenvolvimento de um imaginário que poderá alimentar o sentido social do conteúdo midiático produzido e ressignificado sobre o tema e sobre a população.

Castoriadis (1982) afixa que a linguagem não se reduz ao *legein* (a dimensão identitária do representar/dizer social), mas é impossível sem este. Considera que “instituição social histórica em que e porque se manifesta é o imaginário social. Esta instituição é instituição de um magma de significações, as significações imaginárias sociais” (CASTORIADIS, 1982, p. 277). Nesta acepção, constitui-se o imaginário social como criação de significações e criação de imagens ou figuras que são seu suporte.

Para Verón (1998) toda produção de sentido social é discursiva. É, por conseguinte, no discurso que o sentido revela suas orientações sociais e os fenômenos resultantes desse processo potencializam sua dimensão significativa. Dessa maneira, Frege (2005 apud STEINBERG, 1978) assegura que os discursos – inclusive os jornalísticos – não refletem a realidade social: eles são passagens de sentido.

Steinberger (2005, p.75), amparada pelos estudos sobre teorias da comunicação e do jornalismo realizados por Traquina (2004), Souza (2004) e Wolf (2001), pondera que “Nos discursos jornalísticos, a produção de sentido resulta, de imediato, de recortes que o profissional faz na substância da atualidade e de suas decisões na composição formal do texto (sonoro, visual, etc.)”

A produção de sentido do discurso jornalístico resulta, segundo Schulz (apud KUNCZIK, 2002), da construção da realidade por parte dos meios de comunicação em que os critérios empregados são os valores das notícias. Com essa perspectiva, Schulz propõe que os critérios utilizados pelos jornalistas – aqui entendido o conjunto amplo do contexto produtivo de um veículo ou meio de comunicação – para selecionar o que se considera importante e digno de ser noticiado é que irão definir as percepções da realidade por parte de uma sociedade.

Na pesquisa que realizou e que construiu este aporte – produzida empiricamente junto a jornalistas alemães –, Schulz identificou seis fatores de notícia: tempo, proximidade, condição social, dinamismo, violência (conflito, crime, dano, êxito) e identificação (personalização,

etnocentrismo). Sendo os fatores mais importantes para a seleção das notícias a tematização (duração e continuidade do acontecimento); a influência pessoal (status de elite); a complexidade; o etnocentrismo; o negativismo e o êxito.

Para Blumer (apud KUNCZIK, 2002, p. 252) “Os meios de comunicação de massa desempenham um papel determinante na definição dos problemas sociais e podem ser vistos como o resultado final de um processo de definição coletiva, mas não como condições ‘objetivas’”. Por outro lado, aponta Kunczik, podem contribuir para que certos problemas sociais se tornem invisíveis.

Nessa direção, o discurso produzido pela mídia – e é indispensável que se tenha claro que este é o seu principal produto e o resultado final de seu funcionamento – é apresentado sempre como um discurso acabado, sem intermitências, sem vazios. Mantendo-se sempre nas funções referencial e fática de contato com o público (RODRIGUES, 2002). Contudo, há modalidades de silêncio no funcionamento do discurso da mídia, e um dos fundamentais, é a ausência do público. Mas que, segundo Rodrigues, preserva o público presente, fixando-o como uma autêntica instância de interlocução:

Ao contrário do que as teorias clássicas da comunicação pressupõem, o silêncio do público não é simples ausência passiva de palavra; é um processo ativo e específico de elaboração do sentido, o processo de escuta. Apesar de silencioso, o público está presente na cadeia de elaboração do discurso, e é este silencioso processo de escuta que o discurso da mídia recebe o seu princípio, o seu alimento, a sua razão de ser, o seu sentido” (RODRIGUES, 2002, P. 218).

Depreende-se, assim, que a dimensão do discurso produzido pelos mídia é compartilhada de modo contínuo e sistêmico, no plano simbólico, por produtores e receptores. Expressando, nesta dimensão, a viabilidade e a visibilidade de uma realidade construída ou em construção, mobilizando para tal valores, crenças, sentidos comuns, representações. Mas os *media* buscam, também, por meio de outras funções – pedagógica, tradicional, mobilizadora, reparadora – assegurar a legitimidade de seus pontos de vista com o objetivo de regular compor-

tamentos e até intervir com eficácia num ambiente determinado e que contém seu domínio de experiência.

Nessa direção, a análise o *corpus* dessa pesquisa pretende, a partir da materialidade do texto, do contexto lingüístico-histórico, de suas condições de produção, compreender como se dá o processo de objetivação do fenômeno imigratório. Bem como, entender como a mídia se apresenta como ancora desse processo, ao orientar a forma como esse fenômeno – tal como visto na contemporaneidade – se torna familiar.

B. Percorso Metodológico

A pesquisa se processou fundada e direcionada pelo corpo teórico explicitado no bloco anterior. No que diz respeito aos meios, privilegamos tanto os métodos qualitativos quanto os quantitativos para o mapeamento e tratamento das informações. Em princípio realizamos o mapeamento das matérias publicadas nas revistas Veja, Carta Capital, Exame e Isto É - esta incluída posteriormente no decorrer da pesquisa – das edições de 01 de janeiro de 2010 a 30 de março de 2011.

Contudo, no processo de mapeamento dessas matérias e de levantamento bibliográfico, verificamos a necessidade de se rever esta estratégia. Estabelecemos, então, variáveis específicas para a análise acerca do fenômeno migratório: latinos americanos no Brasil, brasiguaios, emigrantes brasileiros e imigração como questão geral. Bem como ampliar o leque do mapeamento também para o jornal Folha de São Paulo.

A definição de rever esta estratégia fundou-se nos seguintes fatores:

- O levantamento bibliográfico apontava que o Brasil havia se transformado em destino para os imigrantes latino-americanos pobres – fato não identificado no período de elaboração e aprovação do projeto pelo CNPq. Além disso, averiguamos matérias sendo publicadas, especialmente sobre latino-americanos no jornal, e não constatávamos essa mesma pauta nas revistas fonte de pesquisa. É claro, consideramos as diferenças estabelecidas na produção de matérias para os meios jornal e revista, além das questões de linha editorial.
- O levantamento bibliográfico também indicava que a quantidade

de brasileiros emigrantes fazendo o fluxo de retorno era muito grande, especialmente do Paraguai, os brasiguaios.

- A variação de matérias tratando de imigrantes em geral é muito extensa. Desde questões envolvendo tráfico de drogas, a violência urbana – assalto, assassinatos, etc. – entre outras formas de violência. Privilegiou-se, assim, questões referentes a legalização/criminalização do tema ou informações que tratassem do imigrante brasileiro em outros países.

Nessa direção, decidimos reformular o recorte da pesquisa, passando a analisar especificamente o discurso comunicacional produzido sobre cada uma dessas variáveis produzido no jornal Folha de São Paulo – publicado na metrópole que concentra a maior quantidade de migrantes de diferentes etnias do país – cotejando-o com o que era publicado no mesmo período nas revistas Veja, Carta Capital, Isto É e Exame.

A proposta é realizar um mapeamento da presença dessas quatro variáveis – latinos americanos no Brasil, brasiguaios, emigrantes brasileiros e imigração como questão geral – presentes nesses veículos. Em seguida, realizar uma análise qualitativa sobre os discursos comunicacionais produzidos tendo como suporte as metáforas que dão objetividade e ancoragem aos conceitos de trabalho, cidadania e identidade acerca do fenômeno migratório e os imigrantes.

Para esta análise foram selecionadas 38 matérias no Jornal Folha de São Paulo e 30 nas revistas Isto É, Veja, Carta Capital e Exame. Fundamentou-se na produção do enunciado da experiência migratória da população alvo da pesquisa e, por meio dele, a capacidade desse enunciado de disseminar novas possibilidades migratórias, assim como a promover um senso comum com relação aos imigrantes e ao processo migratório. Ressalva-se que as análises qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas e, se recusam às estruturas prévias mais rígidas.

Ao elegermos, nesta segunda etapa, os conceitos identidade, trabalho e cidadania – que possibilitassem entender a representação social constituída sobre o imigrante na grande mídia brasileira – buscamos atuar no eixo estruturador e integrador da pesquisa: o imigrante. Este enquanto categoria consubstanciada na análise do seu projeto/desejo de melhorar de vida, por meio do trabalho.

Projeto/desejo considerado em sua dinâmica, mas enfatizando especificamente as variáveis qualitativas e quantitativas que definem e o condicionam na sociedade atual. Neste contexto, tornou-se importante entender o fluxo migratório de latinos na contemporaneidade e o Brasil, como país de destino, nesse processo. Assim, o projeto se integra na perspectiva teórica, pela base única e fundamental do fenômeno migratório e pelas categorias analíticas eleitas para dar suporte a esta análise.

Por meio desses dois métodos, qualitativo e quantitativo, buscou-se atender o objetivo geral do projeto: identificar o discurso produzido sobre o fenômeno migratório e os imigrantes na mídia e as possibilidades de influência desses discursos no conhecimento do cotidiano, a propósito desses indivíduos e seu processo de inserção em dada sociedade.

Parte II

A. Resultados e Produtos da Pesquisa

Esta pesquisa está ordenada da seguinte maneira:

1. Apresentação do resultado e da análise do mapeamento quantitativo e qualitativo das matérias publicadas no jornal Folha de São Paulo e nas edições impressas das revistas Veja, Carta Capital, Isto É e Exame, no período de 01 de janeiro de 2010 a 30 de março de 2011. Esta fase contou com a participação de três alunos de graduação que atuaram como pesquisadores voluntários de Iniciação Científica no apoio ao mapeamento cotidiano das matérias publicadas nos veículos de comunicação.
2. A análise dos discursos comunicacionais produzidos tendo como suporte os conceitos de objetivação e ancoragem fundamentos na teoria das Representações Sociais. Esta análise foi especialmente importante, porque significou a entrada do aluno de graduação de história Filipo Carpi Girão no grupo de pesquisa, compartilhando o mesmo referencial teórico e possibilitando sua preparação de projeto de pesquisa para o Mestrado de História da Ufes.

Tendo em vista que optamos por analisar as variáveis latino-americanos no Brasil, brasiguaios, emigrantes brasileiros e imigração como questão geral, faremos uma breve apresentação sobre a dinâmica imigratória, segundo levantamentos produzidos por organismos internacionais de pesquisa. Em seguida, serão apresentados os dados mapeados presentes no jornal e, depois, nas revistas selecionadas.

A. 1) O Brasil dos imigrantes

O Brasil é um país multicultural cuja identidade tem marca na diversidade étnica, fruto de um intenso processo imigratório que ocorre desde o início da colonização pela Coroa Portuguesa. O objetivo primeiro era, então, atender aos interesses da corte e garantir a ocupação do território. Mas o grande fluxo migratório do Brasil se realizou entre o terceiro quartel do século XIX e o primeiro do XX, com a entrada de uma

grande leva que buscava trabalhar na agricultura e também na incipiente indústria.

Segundo Levy (1973), entre 1820 e 1876 pouco mais de 350 mil estrangeiros entraram no país. Entretanto, no período de 1872 a 1930 o número de imigrantes internacionais foi da ordem de 4,1 milhões. Julga-se que do último quartel do século XIX até o final da década de 1930, o Brasil tenha recebido pessoas provenientes, sobretudo, de Portugal, Itália, Espanha, Japão e Alemanha.

A distribuição desse total, segundo a nacionalidade, põe em evidência Portugal e Itália como principais países de origem desses imigrantes (LEVY, 1973). Esses fluxos se concentraram nas regiões Sul e Sudeste, segundo os dados dos censos demográficos: em 1872, 84% imigrantes estrangeiros residiam nessas duas regiões; em 1900, esse percentual chegou à casa de 97% (SALES e BAENINGER, 2000).

Entrementes, o crescimento econômico na Europa, no pós-guerra, faria esse movimento imigratório reduzir-se a níveis mínimos. Em termos gerais, a partir da década de 1960, a migração mundial passaria a ser dos países em desenvolvimento para os países desenvolvidos. Nos anos de 1980, apesar do Brasil ser um país tradicionalmente receptor de imigrantes, averigua-se o fenômeno da emigração.

Estima-se – não há dados reais – que há entre 1,0 a 3,0 milhões de brasileiros residindo fora das fronteiras do país. Os países preferenciais de destino são Estados Unidos, Japão e Paraguai. A região de origem destes emigrantes foi, no início do processo, predominantemente, os estados da Região Sudeste. Em passado recente, estados do Nordeste foram incorporados a este grupo.

Tal como asseverou Marinucci (2008), um dos fatores a favorecer a sequência desse fluxo são as redes sociais³ – constituída de amigos e parentes desses emigrantes – ao disseminar informações sobre oportunidades de emprego e moradia. A participação destes brasileiros no mercado de trabalho no estrangeiro contribuiu para que o Brasil fosse o segundo maior receptor de remessas na América Latina, atrás somente do México, com valores que ultrapassam USD 5,0 bilhões anuais. Este volume de remessas tem certa importância em algumas cidades para o

³O termo rede social aqui não está sendo utilizado no sentido estrito de rede social tecnológica.

desenvolvimento local, mas no plano nacional representa menos de 1% do PIB (OIM, 2010).

Com relação à quantidade de imigrantes residindo no país na contemporaneidade, segundo dados do PNUD, em 1960 o Brasil tinha cerca de 2% de sua população formada por estrangeiros, a maioria de países desenvolvidos. Em 2000, essa taxa já seria, pelo menos, dois terços inferiores. Há de se observar que, na maior parte do mundo os fluxos de imigração estão estabilizados, a exceção dos países do Golfo Pérsico.

Entrevista do ex-Secretário Executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, publicada na Agência Brasil (JUNGMANN, 2009), esclarece que o perfil do imigrante que se mudou para o país a partir da década de 1990 se alterou. Do pós-guerra até a última década do século XX, se estabeleceram, sobretudo, chineses, coreanos, libaneses. Eram, segundo Barreto, pessoas que buscavam implementar pequenos negócios, e que possuíam uma característica mais empreendedora.

Perfil que se alterou completamente. Dados do recenseamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000, indicam que a população de estrangeiros residentes no país, naquele decênio, era de 683.830 imigrantes internacionais, representando 0,4% da população total do Brasil. As informações levantadas confirmavam as tendências das migrações internacionais no país caracterizadas naquele período pela: emigração de nacionais; pequena ou quase ausência de europeus (portugueses, italianos e espanhóis); imigração não-tradicional, a exemplo de angolanos e imigrantes de outros países da África lusófona; incremento do movimento migratório regional para o Brasil.

Como resultado dessa mudança de perfil migratório para o Brasil, documento Perfil Migratório do Brasil 2009, produzido pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), publicado em 2010, esclarece que em 2006 o governo federal iniciou ações com vistas a elaborar e a discutir com a sociedade, por meio de Consulta Pública, uma nova lei migratória.⁴ O tratado de livre residência de pessoas assinado

⁴Movimento que resultou no envio para o Congresso Nacional de uma proposta de lei norteada pela garantia dos direitos humanos, interesses nacionais, socioeconômicos e culturais, preservação das instituições democráticas e fortalecimento das relações internacionais.

no âmbito do Mercosul também irá contribuir para a regularização da situação de grupos de imigrantes.

A mudança no perfil imigratório brasileiro pode ser observada na tabela 1, que apresenta a distribuição dos imigrantes internacionais que escolheram o Brasil como destino nos períodos entre 1986-1991 e de 1995-2000, de acordo com a nacionalidade. Nesse período, mais que dobrou a quantidade de imigrantes no país: de um total de 66.217 em 1991, eles chegaram a 143.643 mil em 2000, um aumento percentual de 117%.

Na composição desses fluxos internacionais de entrada, os brasileiros natos – que emigraram e compõem a migração de retorno – passaram a ocupar papel preponderante: enquanto a participação relativa deles subiu de 47 a 61%, de uma fase a outra, o percentual de estrangeiros sofreu contração – 48%, em 1991, para 34%, em 2000.

A análise comparativa do processo migratório no Brasil que essa tabela apresenta, comporta indícios importantes para reflexão sobre o discurso produzido pela mídia. Em especial, chamam atenção as seguintes informações: o fluxo migratório de retorno dos brasileiros da Europa, do Paraguai (os brasiguaios), do Japão e dos Estados Unidos, e o aumento da imigração de latinos e caribenhos – aqui incluindo paraguaios e argentinos apresentados em separado na tabela.

Tabela I – *Imigrantes internacionais, por nacionalidade, segundo origem, no Brasil: 1986-1991 e 1995-2000.*

Regiões de Procedência	ANO							
	1986-1991				1995-2000			
	Nacionalidade				Nacionalidade			
	Brasileiro Nato		Estrangeiro/ Naturalizado		Brasileiro Nato		Estrangeiro/ Naturalizado	
Abs.	Abs.	Abs.	%	Abs.	Abs.	Abs.	%	
Europa	6.914	8.289	15.203	22,9	14.762	12.545	27.307	19
Paraguai	8.657	2.069	10.726	16,2	28.419	7.027	35.446	24,7
Argentina	1.780	3.756	5.535	8,4	2.682	5.115	7.797	5,4
Demais países da América Latina e Caribe	4.026	10.671	14.698	22,2	9.351	14.972	24.323	16,9
Estados Unidos	6.267	2.932	9.199	13,9	12.384	4.311	16.695	11,6
Japão	161	1.666	1.827	2,8	17.196	2.496	19.692	13,7
Outros Países	2.976	5.524	8.500	12,8	2.804	9.068	11.872	8,3
Ignorado	342	187	529	0,8	287	224	511	0,4
Total	31.123	35.094	66.217	100	87.885	55.758	143.643	100

Fonte: CARVALHO, 2006 (apud OIM, 2010)

No total, fizeram o movimento migratório de retorno 31.123 brasileiros, representando 47% dos imigrantes internacionais assentados no Brasil no período de 1986-1991. Sendo que a maior quantidade foi de brasileiros residindo no Paraguai, 8.657, 27,8% do total. Em 1995-2000 o fluxo migratório de retorno subiu para 87.885 pessoas, representando 61,18% dos imigrantes assentados no país. Novamente foram os brasileiros residentes no Paraguai o grupo a atingir maior índice, 32,34% neste universo.

Há de se observar neste processo, a redução de europeus que entraram no Brasil, na comparação com os índices dos séculos anteriores. Nos anos de 1986-1991 os europeus compunham um volume 12,51% dos imigrantes naturalizados, caindo para 8,72% do percentual nos anos de 1995-2000. Contudo, se adicionarmos a estes dados o número de brasileiros que fizeram o movimento de retorno, obtém-se a maior quantidade de imigrantes assentados no país nos anos de 1986-1991, 22,9%. Mas nos anos de 1995-2000, este índice cai para 19%.

Também na tabela 1 observa-se que nos anos de 1986-1991 existia uma grande quantidade de latino-americanos e caribenhos residindo no país, incluindo os paraguaios e argentinos. Em termos percentuais os latinos e caribenhos representavam 25% dos imigrantes. Se analisados

juntos com os brasileiros residentes que fizeram o movimento de retorno – 14.463 – este percentual chega a 46,7% do total.

Todavia, nos anos de 1995-2000 havia 27.114 latinos e caribenhos – incluindo paraguaios e argentinos – representando 18,9% dos imigrantes naturalizados. Se analisados juntos com os brasileiros que fizeram o movimento de retorno este índice se mantém no mesmo nível do levantamento anterior, 47%, com um total de 67.566 dos estrangeiros naturalizados no país. Entrementes é necessário observar que, aumentou em mais de 100% o nível de estrangeiros naturalizados durante o intervalo dos dois levantamentos. O número de brasileiros que fizeram a imigração de retorno subiu de 14.463 em 1986-1991, para 40.422 no censo de 1995-2000, portanto um crescimento de 35,78%.

Nesse cenário imigratório as principais metrópoles a receber estes fluxos da migração internacional para o Brasil, entre o decênio 1990-2000, foram São Paulo e Rio de Janeiro (IPEA/IBGE/NESUR apud OIM, 2010). No caso do Rio de Janeiro, há uma concentração mais acentuada dos africanos (37% do total no período 1990-2000), seguido pelos europeus e norte-americanos (em torno de 14% do total residente no país).

Porém, é na metrópole de São Paulo que a migração internacional dos trabalhadores globais e da migração étnica se concentra: 44% dos asiáticos, 38% dos japoneses e mais de 20% dos europeus, norte-americanos e argentinos no período 1990-2000. Compõem o painel dessa imigração internacional metropolitana, principalmente, jovens e adultos em idade produtiva. Mas é significativa a participação das mulheres. Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro destaca-se a presença de homens de origem africana.

Em termos de atividades ocupacionais os imigrantes internacionais, no período 1990-2000, atuavam nas seguintes atividades: a) ciências e artes, 52% dos estrangeiros oriundos da América do Norte; b) na direção de empresas, gerência e organização de interesse público, 48% da Oceania e 21% da África; c) na esfera pública, como membros do poder público, 57,6% da Oceania, 35,6% da Ásia, 31% da Europa e 20% do Japão (OIM, 2010).

A migração internacional étnica, que está relacionada à reestruturação produtiva, é caracterizada também pela importante participação dos asiáticos, em especial os coreanos, no setor da indústria de con-

fecção e no comércio a ela vinculado. Com relação aos novos imigrantes internacionais, os dados apontam que os africanos têm se dedicado às atividades de educação, comércio e indústria de transformação.

O Brasil, contudo, a partir de 1980, tem se apresentado como região de atração e expansão da migração de latino-americanos. Segundo o censo de 2000 havia 16.987 paraguaios e 12.513 bolivianos residindo no Brasil. A diferença de destinos se apresentam nesse cenário, conforme a tabela 2 demonstra:

Tabela 2: *Relação imigrantes e local de residência*

Local de Residência	País de Nascimento	País de Nascimento
Microrregiões Brasil	Paraguai	Bolívia
Foz do Iguaçu	4.710	---
Dourados	2.454	----
Campo Grande	1.926	----
RM São Paulo	1.567	8.679
Curitiba	1.457	----
Toledo	1.319	----
Iguatimi (MS)	1.206	----
Baixo Pantanal	961	1.179
Cascavel	851	----
Rio de Janeiro	536	1.219
Guajará-Mirim (Rondônia)	---	1.436
Total Brasil	16.987	12.513

Fonte: IBGE (2000).

A partir da leitura da tabela 2, observamos que três aspectos chamam atenção e todos envolvendo São Paulo: primeiro, como região metropolitana eleito prioritariamente como local de destino da região Sudeste por parte dos bolivianos e paraguaios. Segundo, concentra a maioria absoluta dos bolivianos como local de residência; e, terceiro, 60,31% do total de imigrantes desses dois grupos residem em São Paulo.

A. 1.1) Os latino-americanos

Analisando exclusivamente os censos de 1990 e 2000, Sala e Carvalho (2008) demonstram uma novidade representada pelo crescimento dos naturais dos países do Cone Sul residindo no Brasil: aumentou de 102.757 para 118.612, entre 1991 e 2000, passando de 13,4% para 17,3% do total dos imigrantes internacionais. Em 2000, os argentinos,

bolivianos, chilenos, paraguaios e uruguaios estavam entre as dez nacionalidades que apresentavam maior quantidade de imigrantes internacionais assentados no país. Com exceção dos chilenos, todos os outros registraram taxas de crescimento médio anual positivas no período estudado.

Todavia, estes dados não representam exatamente a realidade. Esta pelo menos é a advertência apontada em relatório produzido pelo IBGE (2011) sobre a probabilidade que os dados fornecidos pelos Censos Demográficos não relatem o número real de imigrantes. Isto porque, parte considerável vive ilegalmente e pode resistir a prestar informação ou mesmo omitir sua situação migratória.

Esta observação dos estudiosos do IBGE tem como fundamento estudos realizados por Sala; Carvalho (2008), Silva (2006) e Baeninger; Leony (2001), que sugerem um aumento, a partir da década de 1980, de naturais dos países do Cone Sul. As pesquisas indicam também a intensificação do fluxo migratório promovido por bolivianos, africanos e asiáticos para o Brasil.

Como destino de hispano-americanos e caribenhos o país é superado apenas pelos imigrantes residentes na Argentina (810 mil), na Venezuela (700 mil) e no Paraguai (150 mil). Avila (2007) aponta, no entanto, para a ampliação do número absoluto e relativo, especialmente dos paraguaios, bolivianos, peruanos e colombianos; e, em menor medida, também de venezuelanos, cubanos, e mexicanos no Brasil a partir do século XXI.

No período atual, entretanto, há duas diferentes configurações daqueles que se fixam no Brasil, e que, paradoxalmente, representam dois extremos: por um lado, uma mão de obra qualificada, e que se assenta em média por até dois anos; e, por outro, migrantes sul-americanos, sobretudo bolivianos, que atravessam a fronteira à procura de emprego e melhores condições de vida.

Balanço dos dados publicados pelo Governo Federal, após concluir a tramitação que regularizou a nova Lei de Anistia, a 30 de dezembro de 2009, revela que da maioria dos quase 42 mil imigrantes indocumentados residindo no Brasil e que solicitaram visto de permanência provisória, 16.881 é composta por bolivianos, seguidos por 5.492 chineses, 4.642 peruanos, 4.135 paraguaios e 1.129 coreanos. Ressalta-se que de acordo com estimativas do Serviço Pastoral dos Migrantes, enti-

dade ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o país abriga cerca de 600 mil estrangeiros sem documentação legal (PYL, 2009).

Neste balanço, publicado pelo Governo Federal, um dado que chama atenção – em contraste com o imaginário da imigração no Brasil, que sempre recorre a imagens de levas de recém-chegados, assentado numa história do processo imigratório do final do século XIX – foi a pequena quantidade de europeus que solicitou o benefício: 2.390. Número próximo do total de africanos, 2.700, que viviam irregularmente no país. São Paulo e Rio de Janeiro, além do Nordeste, mantêm-se como locais preferenciais para assentamento dessa população (RIZZO, 2010).

Abordando o fluxo migratório de paraguaios e bolivianos no Brasil, Sala e Carvalho (2008) situam historicamente esse processo. Oferecem, dessa forma, dados e indícios que dão suporte a nossa análise à pesquisa realizada. Neste sentido, especificamente sobre os paraguaios, esclarecem que a forte concentração da propriedade da terra e o elevado crescimento natural da população paraguaia motivaram a emigração internacional.

De acordo com os pesquisadores, os movimentos migratórios de paraguaios acentuaram-se a partir de 1950. Foram em consequência da violência política, da crescente pressão demográfica sobre as terras e da abertura, na Argentina e no Brasil, de novas oportunidades de emprego geradas pelo crescimento urbano e industrial (SOUCHAUD apud SALA e CARVALHO, 2008).

Entretanto, é importante ressaltar para a compreensão desse processo, a influência, inclusive quantitativa, de brasileiros dos estados do Norte, Nordeste e do Sul que migraram para o Paraguai entre fins dos anos 60 e meados dos 80 – os chamados “brasiguaios”. De acordo com os pesquisadores, possivelmente esses brasiguaios edificaram laços sócio-familiares e sócio-ocupacionais na região, e que, posteriormente, se constituíram como fatores de atração afetivos e profissionais para incremento do fluxo de paraguaios para o Brasil.

A maioria dos paraguaios assentados no país, em 2000, residia nos estados do Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Segundo Sala e Carvalho (2008), nos anos 80, teriam migrado para o Brasil mais mulheres paraguaias do que homens – mas, na década seguinte, existem indicações claras de que este comportamento tenha sido semelhante entre homens e mulheres. Parte das mulheres se inseriu no serviço doméstico.

Com relação aos bolivianos, avalia-se que o grande crescimento das localidades orientais na Bolívia pode ser considerado o fator a promover ou dinamizar o processo migratório, a partir das cidades do oriente boliviano, para os Estado do Acre e Rondônia, na fronteira oeste do Brasil, e para o Estado de São Paulo. Nos anos 80 e 90, a quantidade de naturais da Bolívia residindo no Brasil só foi menor do que o de paraguaios. Na década de 90, moravam, no Estado de São Paulo, 50,1% dos bolivianos residentes no Brasil. Rondônia e Mato Grosso do Sul concentravam 11,5% e 9,2%, respectivamente, desse contingente populacional.

Sala e Carvalho (2008) avaliam que ao se analisar o movimento emigratório de populações do Cone Sul, deve-se considerar também o papel da variável demográfica – e sua relação com o crescimento econômico e o desemprego – como fator propulsor do fluxo migratório. Isto porque, Bolívia e Paraguai têm os maiores níveis de fecundidade da América do Sul e, historicamente, experimentaram forte emigração.

Advertem, entretanto, que países como Uruguai e Argentina, com baixa taxa de natalidade, são países cuja dinâmica econômica foi incapaz, nas últimas décadas do século XX, de gerar empregos suficientes para absorver seu contingente populacional. Desse modo, o desemprego associado a condutas emigratórias, expressou-se na saída crescente de contingentes populacionais desses países.

Relatório publicado em novembro pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal), órgão das Nações Unidas, o informe Panorama Social 2011, apresenta mais indicativos a contextualizar esse movimento emigratório/imigratório. Tal relatório faz considerações acerca do nível de desenvolvimento dessa região com base nos índices de desemprego, distribuição de renda, respeito aos direitos trabalhistas, proteção social, taxas de fecundidade, sindicalização, investimentos governamentais e violência – ressalva-se que a Cepal não se baseia apenas na evolução do Produto Interno Bruto (PIB) para definir a situação econômica de uma nação.

De modo tal, que o Panorama Social 2011 destaca que a América Latina deve encerrar 2011 com aproximadamente 174 milhões de habitantes pobres — dos quais 73 milhões são indigentes. Isso significa que a pobreza atinge a 30,4% da população, enquanto a miséria se estende a 12,8% dos latino-americanos. O ano de 1990 foi o que, pro-

porcionalmente, marcou-se pelo maior número de pobres na América Latina: 48,4% da população, sendo 22,6% indigentes.

Em números absolutos, o auge aconteceu em 2002, quando 225 milhões de latino-americanos amargavam a pobreza; e, entre eles, 99 milhões estavam na miséria. Segundo a CEPAL, os países que apresentaram melhor desempenho no combate à pobreza foram Peru, Equador, Argentina, Uruguai e Colômbia. Honduras e México são os únicos países que apresentam crescimento significativo nos níveis de pobreza e indigência.

O relatório revela, além disso, o aprofundamento de alguns problemas: a) trabalhadores e trabalhadoras que se encontram na economia informal; b) mulheres pobres com filhos pequenos; e, c) jovens. Isto porque, a estrutura produtiva da América Latina, portanto, a distribuição de sua lucratividade, é amplamente desvantajosa aos homens e mulheres que estão empregados em setores de baixa produtividade.

A face mais visível da pobreza e da miséria dos latino-americanos surge na realização de atividades informais. Ou seja, nas atividades praticadas por aqueles que Bauman (2008) denomina como refugio ou mercadoria, e, que, portanto, não contam com direitos trabalhistas: férias, décimo terceiro salário, hora extra, licença-maternidade, seguro-desemprego, etc. São os milhares de desqualificados expostos às mais diversas situações de exploração.

De acordo com a CEPAL, as ocupações precárias empregam mais da metade da população economicamente ativa do continente, 50,2%. Todavia, geram apenas 10,6% das riquezas econômicas. Já as grandes empresas, geralmente dedicadas à exportação, produzem 66,9% das riquezas latino-americanas, e empregam apenas 19,8% dos trabalhadores. As pequenas e médias empresas contribuem com 22,5% da produção e empregam 30% da força de trabalho disponível.

Essa disparidade, asseguram os produtores do relatório, abre espaço para uma apropriação desigual dos ganhos econômicos entre a população ocupada. Como consequência, promove desigualdades ao dificultar o acesso das pessoas ao bem-estar, fortemente baseado no consumo. Resulta, também, na quantidade de pessoas que mudam de seus países em busca de uma vida melhor para eles próprios e para os seus familiares.

Nada obstante, o relatório Panorama Social 2011 aponta mudanças

ao identificar que o emprego informal mantém tendência de queda. Em 1990, 48,1% dos latino-americanos tinham que ganhar a vida em atividades econômicas instáveis e sem qualquer tipo de proteção social. Em 2009 esse índice caiu para 42,7%. Mas a diferença entre os trabalhadores de maior e menor produtividade — os que se encontram na formalidade e na informalidade — nos últimos anos aumentou.

Um dado desmotivador apresenta-se relacionado à ocupação da mulher no mercado de trabalho. Na América Latina, empregos de baixa produtividade são sinônimos de empregos ocupados por mulheres pobres: 82% delas ganha a vida em trabalhos precários, sobretudo, na economia informal. Em classes mais remediadas, a percentagem de mulheres trabalhando em más condições cai para 33%. Desse modo, o desemprego se concentra principalmente nas mulheres e, cada vez mais, nas que possuem menor renda. Para os analistas da CEPAL um dos motivos dessa disparidade é o papel tradicionalmente ocupado pelas mulheres em serviços domésticos.

Há, nos dados do relatório Panorama Social 2011, informações que ajudam a compor o cenário socioeconômico e cultural de parte significativa da população do sul do continente americano que busca o Brasil como espaço de assentamento. Nessa direção, é válido considerar a análise de Canclini (2008, p. 25): “A América Latina não está completa na América Latina. Sua imagem é devolvida por espelhos dispersos no arquipélago das migrações.”

O que quer provocar Néstor Garcia Canclini com esta fala, senão a ausência de discussão crítica, de conhecimento, o amortecimento do latino-americano sobre o latino-americano? O que conhecemos, nós brasileiros, sobre o fluxo migratório latino-americano? Neste rumo, como a mídia brasileira representa um imigrante? O que entende, explica, desvenda ou expõe sobre suas práticas cotidianas de relacionamento sociocultural? A análise dos jornais Folha de São Paulo e das revistas Veja, Carta Capital, Exame e Isto É, realizada abaixo, propõe refletir sobre estas perguntas.

A. 2) Imigrantes na mídia jornal

Para a análise dos discursos comunicacionais dos imigrantes na mídia brasileira, no meio jornal impresso, mais especificamente no jornal

Folha de São Paulo, foram mapeadas as edições impressas no período de 01 de janeiro de 2010 a 30 de março de 2011. Posteriormente, optamos por incluir matérias publicadas na Folha Online.

Nesse período, foram selecionadas para análise 38 matérias que tratam do tema imigração de latino-americanos no Brasil, de emigrantes brasileiros residindo em região de fronteira e de imigração em geral. Preferimos não selecionar matérias que tratam da questão do tráfico de drogas – e que compunham grande parte das matérias mapeadas – por considerar que esta é uma pauta comum a todos os países, e sua inclusão pode promover uma imagem de criminalização dos imigrantes latinos.

Escolhemos o jornal Folha de São Paulo para fazer o mapeamento e posterior análise devido ao fato deste ser um dos jornais de maior circulação no país e ter sede em São Paulo, o principal centro receptor de imigrantes, inclusive, de latinos no Brasil. Além disso, como estávamos realizando uma pesquisa em anos anteriores acompanhando esse fenômeno na Folha de São Paulo, identificamos que no ano de 2009 a temática, principalmente quando relacionada a bolivianos, deixa de ser abordada de forma mais eventual e passa a ser debatida de modo mais incisivo.

As manchetes e datas das matérias publicadas e selecionadas estão apresentadas no quadro abaixo. Foram escolhidas matérias sobre imigração no Brasil, sobre os brasiguaios; sobre a imigração de modo geral e sobre emigração nos países de fronteira. Depois os textos elegidos foram analisados com base na teoria das representações sociais. Nos gráficos de análise, fizemos a distribuição segundo as variáveis definidas.

DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO
01/01/2010	Empresários ajudam brasileiros no Suriname
03/01/2010	Brasileiros no Suriname se lançam às armas
03/01/2010	Garimpeiros se arriscam na Guiana Francesa
05/01/2010	O piso e o Suriname
06/01/2010	Governo concede anistia a mais de 41 mil estrangeiros que vivem no Brasil
10/01/2010	Brasileiros são problema em seis países vizinhos
15/03/2010	Presença boliviana em São Paulo questiona identidade brasileira, diz pesquisador
18/03/2010	Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos
14/04/2010	Polícia prende 54 brasileiros em garimpo
30/04/2010	Brasil não pretende rever refúgio concedido a paraguaios
30/04/2010	Cidade de MS sofre com chegada de brasileiros expulsos do Paraguai
01/05/2010	MST aproveita crise para atrair brasiguaios
06/05/2010	Incra vai recadastrar brasiguaios em Mato Grosso do Sul
06/05/2010	Após ameaças, centenas de brasileiros abandonam terras no Paraguai
22/06/2010	Crise na Espanha empurra latino-americanos para o Brasil
24/06/2010	Mulher é presa suspeita de manter bolivianos em trabalho escravo no centro de SP
29/06/2010	Peruano é preso em SP acusado de manter paraguaios em regime de escravidão
02/07/2010	Obama faz apelo por reforma migratório
06/07/2010	Moradias Coletivas colocam casarões em ordem para vistoria

27/07/2010	Ilegais começam a sair do Arizona dias antes de lei entrar em vigor
10/08/2010	PF amplia regularização de documentos para bolivianos em SP
26/08/2010	Índios latinos aproveitam rodeio de Barretos (SP) para vender artesanato
28/08/2010	Feira no Pari guarda pedaço da Bolívia
28/09/2010	Bolivianos pagam para não apanhar em escola estadual
28/09/2010	Lojas Marisa aceitam combater trabalho degradante de subcontratados
20/10/2011	Fiscais do Ministério do Trabalho autuam fábrica de colete do Censo
29/10/2010	Maioria de latinos se vê discriminada nos EUA
09/11/2010	Brasileiros podem ser deportados dos EUA
03/12/2010	'Embaixada não pode tratar indocumentados como marginal', diz Lula
06/12/2010	Brasileiros elegem representantes no exterior
09/12/2010	Lei aprovada na Câmara dos EUA ajuda imigrantes
18/12/2010	Casal de bolivianos é detido após deixar filho de 1 ano dentro do carro no centro de SP
24/01/2011	Briga entre peruanos e bolivianos no centro de SP termina em morte
03/02/2011	"Hace calor", diz, em SP, freguês de feira andina
20/02/2011	Latinas buscam vaga de doméstica no país
14/03/2011	Haitianos refugiados conseguem empregos no AM, RO e AC
16/03/2011	Governo federal autoriza a permanência de mais 199 haitianos no Brasil
27/03/2011	Tem gringo no salão

Das 38 matérias selecionadas, 22, 57,9%, tratam do tema imigração de latinos no Brasil; cinco, 13,2%, sobre a questão da emigração de brasileiros em regiões de fronteira do país; quatro, 10,5%, sobre os brasiguaios, e sete, 18,4%, de questões gerais de imigração, sobretudo

política de países do Norte, envolvendo estrangeiros no mundo e no Brasil. O gráfico 1 ilustra esta distribuição de notícias:



Gráfico 1 – Representação das matérias sobre estrangeiros publicadas

Na pauta, das 22 matérias publicadas no jornal Folha de São Paulo e que têm como foco a questão da imigração de latino-americanos residentes no Brasil, as variáveis trabalho, cidadania e identidade aparecem nas seguintes frequências: identidade, quatro vezes, 18,2%; cidadania, 10, 45,5%; e trabalho, oito, 36,4%. Parte daqueles textos que traz o tema cidadania em seu enunciado está relacionada à questão da legalização dos indocumentados, conforme se verifica no gráfico 2.

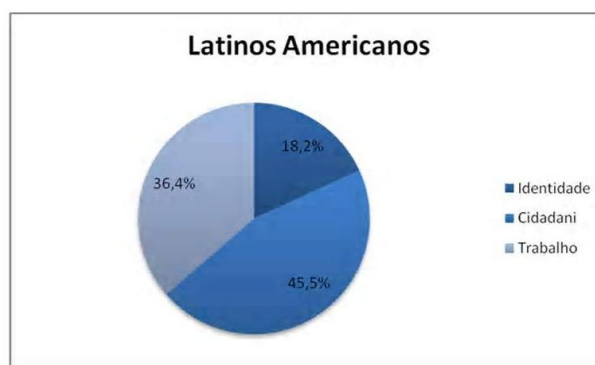


Gráfico 2 – Pautas específicas sobre latino-americanos.

As demais 16 matérias têm como pauta a questão dos brasiguaios, dos emigrantes brasileiros residindo em região de fronteira – em especial no Suriname, à época do mapeamento em fase de conflito entre garimpeiros brasileiros residindo naquela região com surinameses – e a discussão nos EUA sobre leis para regulamentar a imigração, aqui incluídas como questões de imigração geral.

Nas matérias relacionadas com a imigração de latino-americanos, a Folha de São Paulo privilegiou pautas com destaque para os imigrantes bolivianos. Questão tratada de forma variante, sempre obedecendo a uma lógica crescente de preocupação. No jornal, esse grupo étnico ganha espaço no noticiário sobre o modo em que vivem no Brasil e as condições dessa permanência em território nacional.

As matérias apresentadas pela Folha de São Paulo tratam do aumento da quantidade de latino-americanos residindo no Brasil, com destaque para os bolivianos, discutindo essa imigração pós-moderna como um problema a ser analisado, em especial com relação aos direitos. É frequente a publicação de matérias relacionando-os ao conceito trabalho, principalmente dos imigrantes indocumentados.

Entrementes, a Folha de São Paulo também apresenta os problemas relacionados a agressões em escolas e as condições de estabelecimento desses imigrantes na cidade de São Paulo. O tratamento feito pela editoria é sempre no sentido de mostrar o impacto dessas condições para o Brasil, tanto no cenário interno quanto no cenário externo, principalmente considerando as pressões dos organismos internacionais.

Nesse sentido, entre as 22 matérias cuja pauta foram os latino-americanos, nove, 39,1%, têm como enunciado exclusivamente os bolivianos. As demais, incluem peruanos, uma, 4,3%; haitianos, duas, 8,7%; paraguaios, duas, 8,7%. Sobre latinos, modo geral, há nove matérias, 39,1% do total. No gráfico 3, vemos a distribuição dessas matérias:

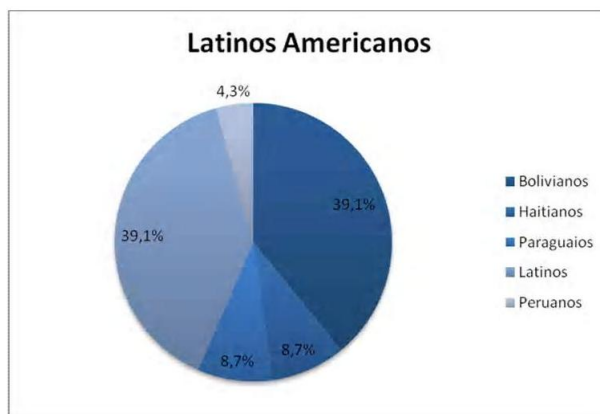


Gráfico 3: Distribuição das matérias sobre latino-americanos

A presença maciça dos bolivianos na mídia está diretamente relacionada à quantidade de imigrantes assentados na região metropolitana de São Paulo – já diagnosticada pelas pesquisas censitárias que vêm sendo realizadas pelo IBGE e discutidas por estudiosos do tema. A prevalência dos temas trabalho escravo, cidadania e identidade como pautas do jornal reafirma, por sua vez, a importância que esse grupo migratório assumiu na cidade de São Paulo.

Entre as matérias selecionadas exclusivamente sobre os bolivianos escolhemos três relacionadas à questão identitária para análise: "*Hace calor*", diz, em SP, freguês de feira andina (publicada em 03/02/2011), *Presença boliviana em São Paulo questiona identidade brasileira, diz pesquisador* (15.03.2010), *Bolivianos pagam para não apanhar em escola estadual* (28.09.2010).

Também selecionamos três relacionadas à questão trabalho – *Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos* (18.03.2010), *Fiscais do Ministério do Trabalho autuam fábrica de colete do Censo* (20.10.2010), *Lojas Marisa aceitam combater trabalho degradante de subcontratados* (28.09.2010). Estes textos serão analisados no decorrer dessa seção.

Há de se ressaltar nesse conjunto de matérias, que há apenas duas que contextualizam o atual fenômeno da imigração de bolivianos no Brasil e o significado de ser um indivíduo em situação irregular. É a matéria: *Presença boliviana em São Paulo questiona identidade brasi-*

leira, diz pesquisador – uma entrevista com o pesquisador francês, Sylvain Souchaud, estudioso das migrações internas na América Latina. E o texto *Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos*.

Na entrevista sobre a presença boliviana em São Paulo, Souchaud, esclarece que o Censo de 2000 só registrou 20 mil bolivianos no Brasil, o que considera muito pouco, um subregistro. Para ele, os bolivianos são sempre identificados como tais nas ruas de São Paulo, não os considerando como invisíveis identitariamente à sociedade local. Contudo, avalia que a população invisível em São Paulo é a paraguaia, que está crescendo. Essa identificação identitária pode ser um dos fatores a explicar a quantidade de matérias publicadas sobre bolivianos e as outras etnias do Cone Sul.

Além disso, Souchaud, elucida a dificuldade que pesquisadores e estudantes brasileiros têm para aceitar o tema da migração regional como temática de estudo. Para ele há muita dificuldade para propor o debate sobre a problemática da migração regional no Brasil para os alunos de graduação e pós-graduação. Considera pequeno o número de alunos que se dispõem estudar os países vizinhos. Para ele, o interesse continua sendo o imigrante europeu.

Sobre a produção discursiva midiática, especificamente em relação aos bolivianos em São Paulo, Souchaud assegura estar percebendo mudanças.⁵ De um discurso anteriormente circular e ocasional sobre trabalho escravo para um enunciado sobre bolivianos empreendedores bem-sucedidos. Inclusive, bolivianos proprietários de oficinas de costura e que contratam bolivianos indocumentados.

Souchaud apresenta dados que demonstram a dinâmica desse fluxo migratório: a migração boliviana é constituída basicamente de homens, na contramão da tendência internacional, de que é feminina. Além disso, afiança que os migrantes bolivianos permanecem pouco tempo na cidade de São Paulo, em média dois anos, para depois fazerem o movimento de retorno para a Bolívia – em geral, El Alto – onde a família permaneceu. Talvez, esta média de tempo, seja um dos fatores a provocar que os bolivianos não regularizarem sua situação no Brasil, corroborando a informação de sub-registro do Censo.

Acerca do fluxo migratório, composto em sua maioria por indo-

⁵Na entrevista o pesquisador não especifica os veículos de comunicação a que alude.

cumentados, matéria com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva – “*Embaixada não pode tratar indocumentado como marginal,*” diz Lula – informa que o Brasil legalizou cerca de 150 mil paraguaios e bolivianos em 2008. Ressalva-se que este dado não é o mesmo fornecido pelo Censo do IBGE e que não há desdobramento ou aprofundamento sobre essa questão no texto.

Contudo, apesar da preocupação do Governo com os indocumentados, modo geral, os textos jornalísticos reproduzem o que a teoria imigratória aponta: o trabalho é a razão de ser do imigrante, que deixa o país de origem, sua história de vida, amigos e, em muitos casos, a família com único objetivo: melhorar de vida. E nessa direção, nas matérias pouco se reflete sobre o contexto social, histórico, cultural dos migrantes – exceções existem, mas são raras.

Quem são eles? Como vivem? Como era a vida no país de origem? Com quem se relacionam no Brasil? Como é a rotina fora do local de trabalho? No mapeamento realizado, verificamos quatro matérias que inseriram estas questões. Sendo que duas publicadas pela Folha de São Paulo são reproduções da agência Deutsche Welle, na Alemanha: *Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos* e *Presença boliviana em São Paulo questiona identidade brasileira, diz pesquisador*. As outras duas são sobre feiras realizadas por e com a presença de bolivianos, mas também com informações muito superficiais e relacionadas a uma angulação textual que visa serviço de entretenimento.

Pouco se sabe sobre a vida desses migrantes, até porque poucos são entrevistados, mesmo que anonimamente – muitos têm medo de sofrer algum tipo de represália. São assim tratados, jornalisticamente, como mercadorias. Por sua vez, é necessário considerar que a representação do jornalista, em geral, é constituída pelo senso comum que norteia a representação da sociedade.

Um indício para entender a representação do jornalismo com relação aos latinos – bem como, compreender o modo com que imigrantes considerados empreendedores/investidores ou mercadorias/refugos são tratados pela sociedade – é sinalizado pelos textos a seguir. Matéria que trata de questões de maus-tratos recebidos por migrantes revela este sentido: *Bolivianos pagam para não apanhar em escola estadual*:

“Mesmo sendo em maior número, são os bolivianos os mais dis-

criminosos. Chineses e coreanos têm uma condição financeira melhor, e os africanos fazem a própria segurança andando em grupos”

De acordo com a matéria, há na escola 2.421 alunos, metade imigrante ou filhos de bolivianos, além de paraguaios, peruanos, chineses, coreanos, angolanos e nigerianos. Nela a diferença estabelecida pela sociedade, tal como representada pela mídia, entre aqueles que são mercadorias/refugio – e desse modo têm essa representação apreendida por aqueles que, em muitos casos, também são tratados como mercadorias/refugos – e os empreendedores/produtores e consumidores.

Esta representação também se apresenta na notícia *Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos*:

“Nos jornais brasileiros, não são raras as notícias sobre oficinas de costura que empregam bolivianos em forma de trabalho escravo. Verdade ou exagero, a colônia boliviana cresce na maior metrópole latino-americana.”

Busca-se, nesse texto, discutir o tema do trabalho escravo. Contudo, a linha fina tenta desqualificar esse fato como possibilidade de exagero, ao mesmo tempo minimizá-lo com o anúncio do crescimento da colônia e comparando-o a situações análogas no mundo:

“Em alguns trabalhos acadêmicos sobre o assunto, chega-se a falar de ‘senzalas bolivianas’, numa referência a oficinas de costura, onde os imigrantes daquele país ganham por hora e por isso se autoescravizam em jornadas absurdas de trabalho. [...] Como em todo lugar do mundo, os que não têm documento são explorados. Isso acontece em qualquer lugar e aqui é a mesma coisa. [...] A meta é trabalhar, juntar dinheiro durante uma temporada, montar um projeto – comprar uma casa, financiar os estudos – e depois voltar. Tem muito movimento, muitos vão e voltam.” (Título da matéria: *Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos*)

O discurso contém um ensaio de justificação da ilegalidade: a exploração do migrante boliviano que se “autoescraviza” para melhorar de vida. Como a meta, única, é ganhar dinheiro, de forma rápida e voltar para seu país, qual o problema dele se “autoescravizar”, se isso faz parte do seu imaginário como vencedor, do lugar social que ocupa em São Paulo? Além disso, tenta-se naturalizar esta situação comparando-a com o que ocorre em outros países.

Também as matérias *Lojas Marisa aceitam combater trabalho de-*

gradante de subcontratados, tratam do tema do trabalho ilegal (29.09.2010) e *Fiscais do Ministério do Trabalho autuam fábrica de colete do Censo* (20.10.2010) apresentam essa questão como pano de fundo. A primeira matéria, sobre as Lojas Marisa, é um registro da negociação realizada com a rede de lojas, o Ministério do Trabalho e a Defensoria Pública da União para combater trabalho degradante da empresa com fornecedores e subcontratados. A segunda reforça o que diz a entrevista do pesquisador Sylvain Souchaud, que afirma existir grande quantidade de bolivianos produzindo para a indústria de confecções e contratando bolivianos em regime considerado degradante.

Degradante é a metáfora utilizada pelas autoridades e jornalistas ao se referirem a trabalho escravo. Na matéria *Fiscais do Ministério do Trabalho autuam fábrica de colete do Censo* afirma-se que os trabalhadores praticavam jornadas diárias acima de 12h – de 7h às 22h com 15 minutos de intervalo para almoço e jantar e remuneração de R\$ 500,00. O dono da oficina, um boliviano, foi subcontratado por um coreano para produzir os coletes do IBGE.

A matéria foi realizada pelo jornalista na fábrica ao acompanhar uma equipe de fiscais do Ministério do Trabalho, representantes da Defensoria Pública da União, do Ministério Público Federal, da Justiça do Trabalho e da Secretaria estadual de Justiça. Ou seja, um indício de que a ação era considerada importante e que os órgãos públicos queriam a presença da imprensa como forma de registro.

Porém, apesar do repórter esclarecer em seu texto que funcionários foram entrevistados, não se vê contextualização do processo e análise do significado de ser um boliviano imigrante na vida cotidiana. Registra-se a situação, abrem-se aspas para as falas dos agentes públicos, informa-se o pontual. O que confirma, de acordo com Cádima et al (2003), que o *fait-divers* preenche o campo narrativo dos *media*, deixando pouco espaço ao humano. O cotidiano, a cultura, as relações sociais não oferecem possibilidade de espetáculo midiático.

Sobre latino-americanos, incluindo brasileiros/brasiguaios, selecionamos os seguintes textos para análise: *Governo concede anistia a mais de 41 mil estrangeiros que vivem no Brasil* (06.01.2010), *Cidade de MS sofre com chegada de brasileiros expulsos do Paraguai* (30.04.2010), e, *Crise na Espanha empurra latino-americanos para o Brasil* (22.06.2010), e, *Latinas buscam vaga de doméstica no país* (20.02.2011). São

matérias que têm como pauta tanto a questão dos latinos no país, como dos brasiguaios, quanto de cidadania.

A primeira matéria tem como foco um levantamento preliminar do governo brasileiro com base na solicitação de regularidade de permanência dos indocumentados no país. Na matéria são apresentadas informações completas sobre os grupos migratórios que haviam solicitado regularização de documentos e os Estados com maior quantidade de pedidos. Chama atenção o destaque dado aos anistiados europeus apesar da pequena quantidade, a segunda menor. Os europeus são os únicos, na matéria, a ter esclarecida a função que geralmente exercem no país: empreendedores. Eles, em quantidade de residentes, estão à frente apenas dos coreanos

Cidade de MS sofre com chegada de brasileiros expulsos do Paraguai noticia a situação de emergência que vivencia a cidade de Itaquiraí (MS) com o retorno de 1500 brasiguaios. Nessa matéria há entrevista com a prefeita e com um brasiguai. Nela se apresentam os acontecimentos no Paraguai, contextualizando humanisticamente os fatos vividos. Também se repete a metáfora “degradante” aplicada aos bolivianos, todavia, aqui utilizada com outro propósito pela prefeita da cidade, ao esclarecer que há 80 famílias de brasiguaios acampadas na cidade aguardando ajuda pública.

Produzida pela BBC Brasil, a matéria *Espanha empurra latino-americanos para o Brasil* relata, com bastantes dados de agentes públicos da Espanha e de pesquisas de agências de empregos, a situação de milhares de migrantes residentes naquele país. Destaca que o Brasil virou destino preferencial de latino-americanos de baixa formação como opção para conseguir emprego. Mas também para espanhóis de alta formação.

Entrementes, apesar de o Brasil ser considerado destino preferencial – juntamente com Estados Unidos e Argentina – por duas vezes a matéria ressalta o fato de o país ser considerado inseguro por aqueles que desejam residir nele. Isso tanto por migrantes de baixa formação quanto pelos de alta formação. Mas aqui também as fontes de entrevista são os agentes responsáveis pelas pesquisas. Novamente o humano ocupa pouco espaço.

Já a matéria *Latinas buscam vaga de doméstica no país* apresenta outro olhar jornalístico sobre o fenômeno migratório. O jornalista entrevista imigrantes, agências de emprego, padres e representantes con-

sulares. O texto inicia explicando – sem questionamento – o fato de latinas (bolivianas e peruanas) estarem sendo arregimentadas para jornadas de trabalho doméstico, sem limite de horas e sem folga semanal. Em troca: casa, comida e salário, abaixo do valor pago por donas de casa paulistas.

As causas dessa procura, elucida o jornalista, são duas: a dificuldade das donas de casa e das agências de emprego doméstico de encontrar profissionais para lavar, passar, cozinhar e limpar. Além disso, é reduzido o número de brasileiras que aceitam vagas que exigem permanência à noite. Ou seja, as brasileiras estão se recusando a trabalhar além da jornada permitida por lei, ou utilizando a metáfora jornalística, estão se recusando ao trabalho degradante/escravo.

Por outro lado, o que propicia que mulheres latinas aceitem essa condição é o valor do salário pago, que se comparado ao país de origem é muito maior. De acordo com a reportagem, há mulheres imigrantes vindo para o Brasil especificamente a procura de vaga para trabalho de doméstica e para dormir no emprego. Um claro indício da rede de comunicação explicitada por Marinucci (2008).

O objetivo dessas mulheres é juntar dinheiro e voltar ao país de origem. Até porque, muitas delas deixam os filhos para trás. E isso inclusive explica a opção de dormir no emprego. Conferem-se, aqui novamente, as informações do pesquisador francês acerca do processo de retorno. Depoimento de duas latinas ilustra a situação de trabalho dessas empregadas:

“Trabalhei conscientemente, mas abusavam de mim” – Maria (boliviana, nome fictício). “Disseram que, já que não conhecia ninguém e não tinha aonde ir, eu não teria folga” – Mercedes (peruana, nome fictício). (Título da matéria: *Latinas buscam vaga de doméstica no país*).

De acordo com explicações do cônsul geral do Peru em São Paulo, as peruanas são muito procuradas para serviços domésticos, pois cozinham muito bem. Já a consulesa da Bolívia relata que há “demanda voraz” por mão de obra boliviana barata em São Paulo. Para o padre Marcelo Álvares M. Monte, da igreja João Batista do Brás, que realiza missa em espanhol para atender imigrantes da região, mudou o perfil do trabalhador boliviano que vai para São Paulo. Todas essas informações foram reportadas pelos entrevistados ao jornal.

A matéria *Latinas buscam vaga de doméstica no país* é bastante

reveladora sobre um cotidiano doméstico pouco explorado nos demais textos jornalísticos sobre o imigrantes estudados até então. Ela retrata, também, um lado oculto da sociedade brasileira no seio da família: a exploração doméstica. Além disso, nela se expressa, mesmo que superficialmente, o significado de ser um imigrante, como pondera Sayad (2000).

Adverte-se que a produção discursiva jornalística, modo geral, não contribui para a compreensão do cotidiano dos indocumentados. Não expressa suas dificuldades. Quando se aproxima de tal contexto, é pela voz de representantes de instituições – sejam elas de ações de apoio ao imigrante, sejam elas governamentais. Os dados, apresentados apenas como dados, sem um discurso humanitário ou argumentativo, não possibilitam entender o significado de ser um migrante.

Em termos da objetivação e da ancoragem da representação social do imigrante latino-americano e da imigração, tendo como suporte os conceitos trabalho, cidadania e identidade, esse conjunto de matérias apela a três idéias fundamentais: país de destino e qualificação, documentação regular no país de destino, e emigrantes/imigrantes nos países de fronteira da América do Sul ou nos EUA e Europa.

Inicialmente foram observados os dados de matérias que tratassem de questões relacionadas aos conceitos trabalho, cidadania e identidade, relacionados à temática da imigração. Observamos título, lead, linha fina, gênero jornalístico e âmbito territorial a que se reportam as unidades de texto e fonte de informação. Em seguida, analisamos os conceitos das unidades de texto consideradas sob os dois níveis da representação social – objetivação e ancoragem – expressos, por um lado, no modo como o veículo tematiza e, por outro, como a informação está relacionada com a imigração.

Assim, no primeiro momento classificamos o conteúdo das matérias com vistas a identificar o conjunto das idéias principais presentes nas matérias, segundo os três conceitos pré-definidos: trabalho, cidadania e identidade e que possibilitassem a compreensão do significado da imigração e do ser imigrante na imprensa por meio do uso metafórico de expressões corriqueiras nas matérias jornalísticas.

Deste modo chegamos a três descritores temáticos: país de destino e qualificação; documentação regular; emigrantes/imigrantes:

- País de destino e qualificação remetem a enunciados metafóri-

cos relacionados ao conceito trabalho. Desse modo aparecem sendo utilizados nas expressões *mercado*, *trabalho degradante*, *jornadas exaustivas*, *trabalho escravo*.

- Documentação regular alude ao conceito cidadania, sendo anunciado em expressões como *clandestinos*, *estrangeiros*, *invisíveis*, *indocumentados*, *ilegais*.
- Emigrantes/imigrantes referem-se ao conceito identidade e aparecem como *estrangeiro*, *brasiguaios*, *brasucas*, *bolivianos*, *paraguaios*, *peruanos*, etc..

Articularam-se as ideias de país de destino e qualificação ao conceito trabalho, por ser este a noção sempre concebida ao se utilizar metaforicamente as expressões mercado, trabalho degradante, trabalho escravo, explorado, clandestino, invisíveis. Desse modo, elas são utilizadas inúmeras vezes, conforme se verifica nos exemplos abaixo:

“... no centro de São Paulo, empregadas doméstica são arregimentadas para jornadas sem limite de horas e sem folga semana, em troca de casa, comida e salário bem abaixo do mercado.” (Título da matéria: *Latinas buscam vaga de doméstica no país*)

“... Até pouco tempo atrás, divulgava-se a imagem de que o boliviano era explorado por coreanos, o que não é bem assim...” (Título da matéria: *Presença boliviana em São Paulo questiona identidade brasileira, diz pesquisador*)

“Em alguns trabalhos acadêmicos sobre o assunto, chega-se a falar de ‘senzalas bolivianas’, numa referência a oficinas de costura, onde os imigrantes daquele país ganham por hora e por isso se autoescravizam em jornadas absurdas de trabalho e condições desumanas de moradia.” (Título da matéria: *Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos*)

“... após encontrarem trabalhadores em condições degradantes em oficina que prestava serviço na produção das peças. Entre as condições consideradas estão práticas de jornadas exaustivas (acima de 12 horas, como prevê a lei), riscos à saúde e insegurança no local de trabalho.” (Título da matéria: *Fiscais do Ministério do Trabalho autuam fábrica de colete do Censo*)

“Após seis meses de negociação, a rede de lojas Marisa assinou um TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) com a fiscalização do Ministério do Trabalho e com a Defensoria Pública da União para combater trabalho degradante, forçado e precário... [...] ... fiscais do trabalho encontraram trabalhadores bolivianos em condições análogas à escravidão em oficina...” (Título da matéria: *Lojas Marisa aceitam combater trabalho degradante de subcontratados*)

“...Uma pesquisa da agência de empregos Randstad revelou que 65% dos imigrantes ilegais na Espanha estão pensando ou decididos a trocar a Europa por outro mercado se não encontrarem trabalho até 2012”. (Título da matéria: *Crise na Espanha empurra latino-americanos para o Brasil*)

Ressalva-se que a legislação trabalhista do Brasil considera que trabalho semelhante ao de escravo é aquele em que a pessoa é submetida a condições como servidão por dívida (trabalhador que tem a liberdade cerceada por dívida com o empregador), corre riscos no ambiente de trabalho e faz jornadas acima das 12 horas previstas pela lei. Desse modo, é utilizado corriqueiramente o termo trabalho degradante como metáfora do trabalhador sem qualificação.

Em todas as matérias analisadas os trabalhadores citados nessa situação são latino-americanos. As falas dos entrevistados, reproduzidas no texto, são sempre de membros do governo – representantes do Ministério do Trabalho ou da Defensoria Pública –, portanto, reporta-se a um discurso político-institucional, tentando apresentar o processo como um fenômeno que designa necessidade de mudança, de fiscalização.

Entrementes, há de se considerar a entrevista concedida por Sylvain Souchaud ao destacar a mudança no discurso midiático. Além disso, análises do discurso da mídia, realizados por mim em outros trabalhos, constatou a utilização do termo trabalho escravo, tanto utilizado por jornalistas como pelos representantes do poder público entrevistados (DADALTO, 2010). O conceito trabalhador sem qualificação foi, assim, substituído pela metáfora trabalhador em situação degradante, que se autoescraviza, explorado.

Também é importante considerar o fato de que este fenômeno está sempre relacionado ao imigrante latino, mais especificamente, bolivianos, paraguaios e peruanos. Não se encontrou citação direta de trabalhador europeu, asiático ou africano nestas metáforas. Tais metáforas

também estão associadas à discussão promovida por Bauman (2004, 2009) ao se referir aos indivíduos imigrantes considerados como mercadoria ou refugio. Nesta direção, é necessária uma analogia ao texto jornalístico que situa a Espanha, a Europa, e o Brasil, como países de destino de parte dos migrantes sem qualificação em busca de novas oportunidades para melhor de vida, como um mercado a ser explorado.

O termo, explorado, pode ser considerado no seu duplo significado: local a ser explorado pelo empreendedor/investidor, que tem recurso, irá empreender/produzir, portanto, bem-vindos ao país, independentemente de qual país é este imigrante. E o imigrante explorado pelo empresário, considerado uma mercadoria ou refugio – depende do seu nível de qualificação, da forma que veio e da rede de pessoas a que pertence. Desse modo, esse empresário pode ser um coreano ou um boliviano – todos citados nas matérias – já regularizados e que quer o migrante (mercadoria/refugio) para ampliar seus negócios, de forma irregular.

Há, no entanto, questões de contexto entre os diferentes empreendedores migrantes – não explicitadas no enunciado jornalístico – que os diferenciam em termos de resultado: tempo de estadia no Brasil, período em que vieram, dentre outros aspectos. Mas todos – investidor/produzidor/empreendedor ou refugio/mercadoria – comungam a mesma motivação da imigração: trabalho, e, o projeto de vencer, de melhorar de vida.

Existe, dessa maneira, subliminarmente ao texto uma cumplicidade na representação do produtor da notícia e do produtor do investimento. Ao se objetivar as metáforas trabalho degradante, jornadas exaustivas e mercado, suaviza-se a familiaridade de um problema social: o do indivíduo desprotegido pela legislação, abandonado. Nesta, sujeitos sociais pobres e desqualificados têm o sentido de sua permanência ancorada em uma realidade conhecida e institucionalizada.

Por sua vez, deslocam a geografia de significados estabelecida desde os anos de 1980 de milhões de brasileiros emigrantes/imigrantes vivendo também como mercadorias e refugos na Europa e na América do Norte. Estes, como imigrantes, também contam o tempo e esperam que tudo dê certo, para não serem mandados de volta para o Brasil, não serem descobertos. Até porque, acreditam que o resultado final é decorrência de um trabalho árduo, construído no dia a dia e de modo digno.

Acrescente-se a esse discurso, o segundo conceito: cidadania. Nele, insere-se a transformação do sentido dos direitos sociais e políticos que a sociedade brasileira vem incorporando ao longo das últimas décadas. Neste aspecto, a compreensão da importância de se valorizar cidadania. Partindo de uma perspectiva de Souki (2006, p.39-57) é necessário conceber essa valorização como “uma possível presença de uma espécie de *rationale* das classes dominantes em relação à tolerância acerca da desigualdade” E, neste sentido, a concepção do projeto nacional de “fazer parte dos países prósperos e reconhecidamente ‘civilizados’”.

Dessa maneira, os textos analisados indicam que a objetivação do conceito de cidadania está ancorada na idéia de documentação regular. Alude-se, portanto, às metáforas *clandestinos*, *invisíveis*, *ilegais*, que aparecem da seguinte forma:

“...Muitas vezes se fala no Brasil da invisibilidade dos bolivianos, acredita-se que eles são mais fechados, até seqüestrados para trabalhar. Eu discordo bastante dessas idéias. Tem abusos e dificuldades, mas eles não são invisíveis.” (Título da matéria: *Presença boliviana em São Paulo questiona identidade brasileira, diz pesquisador*)

“Uma empresa formal não vai se arriscar a contratar um clandestino, o que faz com que, quando eles conseguem trabalho, aceitem salários muito mais baixos do que o normal” (Título da matéria: *Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos*)

“O número de estrangeiros que viviam em situação irregular e receberam anistia... .” (Título da matéria: *Governo concede anistia a mais de 41 mil estrangeiros que vivem no Brasil*)

“...Além do medo de serem descobertos, quando vivem ilegalmente no Brasil” .” (Título da matéria: *Brasil atrai grande número de imigrantes bolivianos*)

Nesse conjunto temático as metáforas *invisível*, *clandestino*, *ilegal* salientam a idéia de um processo criminoso a ser descriminalizado. Portanto, a necessidade de resgatá-las para que possam ser ancoradas na expressão *indocumentados*, ainda pouco utilizada no texto. Quem não tem documento legal, regular, pode ser incluído por meio da ação legal do Estado, tornar-se politicamente um cidadão.

Conforme se pode verificar nas falas atribuídas ao presidente Luis Inácio Lula da Silva e Obama aqui reproduzidas: “Lula deu atenção especial aos que não estão com a situação regularizada nos países onde

vivem. ‘Embaixada não pode tratar indocumentado como marginal’“ (Título da matéria: “*Embaixada não pode tratar indocumentado como marginal*”, diz Lula). E no discurso de Obama ao criticar “os republicanos por atrasarem a aprovação de uma reforma imigratória que, entre outras coisas, abriria caminho para a regularização de estimados 11 milhões de residentes ‘indocumentados’” (Título da matéria: *Obama faz apelo por reforma migratória*).

Vê-se, de tal modo, que por meio desse conjunto metafórico que os governos de países mais desenvolvidos – neste caso especificamente Brasil e EUA – procuram alterar uma percepção do imigrante criminalizado como ilegal, portanto, um não cidadão, para outro patamar. Ao mudar esta percepção também se transita de um indivíduo indesejado, passível de exploração, até por estar clandestino, para um indivíduo politicamente capaz de reivindicar direitos.

Há, assim, no discurso das autoridades e reproduzido pela mídia uma sintonia. Pois ao repetir que o imigrante é ilegal avigora-se o conceito de criminalidade, o que por sua vez vai de encontro da expressão indocumentado – e que já há algum tempo vem sendo utilizado pelas agências internacionais de apoio aos imigrantes e internalizado pelo Governo brasileiro e, em consequência, pela mídia. Documentado, o imigrante torna-se um cidadão cuja identidade também ganha outro estatuto no seio do grupo ou da sociedade de destino em que experimenta o cotidiano.

Neste sentido, o grupo temático emigrantes/imigrantes, referindo-se ao conceito identidade, aparece nas metáforas de *estrangeiro, brasiguaios, brasucas, bolivianos, paraguaios, peruanos*. Conforme podemos verificar:

“O estrangeiro é sempre o ‘outro’.” (Título da matéria: *Presença boliviana em São Paulo questiona identidade brasileira, diz pesquisador*)

“ ‘Por favor, como hace calor’. A frase, entre diversas outras em idioma espanhol, não foi ouvida em um país hispânico, mas no Brasil, mais precisamente no bairro do Pari, em São Paulo. [...] É lá onde vários bolivianos e seus descendentes que moram na metrópole se reúnem para comprar produtos típicos, conversar, dançar e ouvir música regional.” (Título da matéria: “*Hace calor*”, diz, em SP, *freguês da feira andina*)

“O brasiguaiio diz que os conflitos eram comuns desde 2005, mas

situação piorou nos últimos três meses.” (Título da matéria: *Cidade de MS sofre com chegada de brasileiros expulsos do Paraguai*)

“Grande parte dos brasiguaios que desembarcou recentemente no acampamento do MST em Itaquiraí (MS) é oriunda de uma mesma comunidade no Paraguai [...] Fundado há 33 anos, o povoado de La Terza tem hoje menos de 25 famílias oriundas do Brasil e um apelo sintomático: Bagdá.” (Título da matéria: *MST aproveita crise para atrair brasiguaios*)

“Depois dos europeus, os cortiços foram ocupados principalmente por nordestinos e, atualmente, também por bolivianos e paraguaios.” (Título da matéria: *Moradias coletivas colocam casarões em ordem para vistoria*)

“Kalloe [...] adora os emigrantes do Brasil, que aprendeu a admirar quando trabalhava num garimpo [...] Fernandes, 28, um paranaense de Cascavel que mora há dois anos no Suriname...” (Título da matéria: *Empresários ajudam brasileiros no Suriname*)

“Eleito pela primeira vez, o Conselho de Representantes Brasileiros no Exterior mostra a força de algumas comunidades ‘brazucas’.” (Título da matéria: *Brasileiros elegem representantes no exterior*)

De acordo com Guiddens (2005), identidade, modo geral, se relaciona ao conjunto de compreensão que as pessoas mantêm sobre quem elas são e o que é significativo para elas. Há, assim, duas formas de identidade: a identidade social e a autoidentidade. Identidade social refere-se às características que são atribuídas aos indivíduos pelos outros, exemplo: o estudante, a mãe, o estrangeiro.

As identidades sociais envolvem uma dimensão coletiva, marcam as formas que os indivíduos são os mesmos para os outros, exemplo: o brasiguai, o boliviano. A autoidentidade, ou identidade pessoal, por outro lado, nos separa como indivíduos, distintos, refere-se ao processo de autodesenvolvimento por meio do qual formulamos um sentido único de nós mesmos e de nossa relação com o mundo a nossa volta.

Portanto, ao objetivar o imigrante segundo a metáfora da nacionalidade – brazuca, brasiguai, boliviano, peruano – ancora a ideia de um emigrante/imigrante. Alguém que é um estrangeiro, *um outro*, cujo dualidade do sentimento de origem e destino se expressa no modo em que vê e interagem na e com a sociedade de origem/destino e na maneira que a sociedade ou grupo de convivência vê este emigrante/imigrante.

Mesmo quando este outro é um indivíduo, com identidade brasileira, que emigrou para outro país e faz o fluxo de retorno. Ou de um boliviano que reside há anos no Brasil, mas ainda necessita manter características que lhe garantam o sentimento de pertencimento e lhe assegurem a manutenção de marcas simbólicas de uma história pessoal e coletiva que permanece viva em sua memória.

De acordo com estimativas do Itamaraty, em 2009 havia aproximadamente três milhões de brasileiros emigrantes. Destes 500 mil vivendo nos países vizinhos. Neste sentido, é interessante notar a representação feita pela mídia quando se refere a emigrantes brasileiros. Os textos, em geral, privilegiam informar a atividade que esse emigrante exerce – mesmo quando está indocumentado no país de destino.

A exemplo, na matéria *Brasileiros são problema em 6 países vizinhos*:

“Para o Itamaraty, as comunidades brasileiras em países vizinhos atravessam [...] ‘Os nossos imigrantes são trabalhadores, 99% são honestos e vivem tranquilos e integrados...’”.

Ou o texto *Cidade do MS sofre com chegada de brasileiros expulsos do Paraguai*:

“Segundo a prefeita, a estrutura da cidade, de 22 mil habitantes, não comporta a chegada dos novos moradores, brasileiros que dizem terem (ou deixa-se o ter acompanhado de sic entre parentes) sido expulsos do país vizinho por policiais, milicianos e camponeses.”

Estes enunciados demonstram a produção de um discurso ambivalente, diverso e contraditório, que se processa sobre o imigrante/emigrante na mídia e que também representa o discurso de agentes públicos. Quando se trata de brasileiros indocumentados, eles são trabalhadores, comunidade, novos moradores. Apenas. Não se utiliza a metáfora do explorado, clandestino, escravo e expressa para enunciar sobre a maioria dos imigrantes, latino-americanos indocumentados e de baixa qualificação residentes no Brasil.

O discurso produzido sobre o brasileiro ancora a ideia da similaridade e da proteção ao semelhante. É um brasileiro, é um igual identitariamente. Possui uma identidade coletiva – compartilhada pelo jornalista, pelo agente público, pela população brasileira, modo geral –, portanto, o enunciado discursivo resguarda o imaginário social da nacionalidade. Não é brasileiro, é um estrangeiro, *um outro*.

É este comportamento baseado numa perspectiva de pensamento racional? Em princípio a resposta é negativa. Não se observa nos textos uma preocupação que vá além do fato, que ultrapasse, conforme Steinberger (2005), a barreira do formal ou da substancialidade do fato atual. Nada indica ou demonstra na produção da mídia a transformação do não familiar em familiar, possibilitando assim que consiga ser apreendida e constituída efetivamente como imagem da sociedade.

A. 3) Os imigrantes na mídia revista

O veículo revista exige de seus profissionais uma produção textual que se diferencia em termos de técnica e de estilo do meio jornal. Isto porque, o jornalista possui mais tempo para analisar os fatos, tem mais liberdade criativa na redação. De acordo com Vilas Boas (1996), não há regras muito rígidas para a produção textual, desde que considerados os valores ideológicos do veículo.

Por outro lado, assevera Vilas Boas (1996, p. 9): “As revistas fazem jornalismo daquilo que ainda está em evidência nos noticiários, somando estes a pesquisa, documentação e riqueza textual.” Possibilita, portanto, o rompimento da padronização cotidiana. Tendo em vista a assertiva de Vilas Boas, podemos considerar que o jornalista possui uma rotina produtiva que lhe possibilita uma apuração mais aprofundada dos fatos.

Tendo este parâmetro como pressuposto, analisaremos os discursos comunicacionais publicados pelas revistas *Veja*, *Exame*, *Carta Capital* e *Isto É* produzidos no período de 01 de janeiro de 2010 a 30 de março de 2011. São veículos com valores ideológicos, portanto, linhas editoriais diferentes entre si – com exceção de *Veja* e *Exame*. Esta diversidade aparece na tonalidade e na angulação do texto produzido. No quadro abaixo a listagem das matérias mapeadas:

VEJA			
IMIGRANTES NO BRASIL			
DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	EDITORIA	OBSERVAÇÕES
24/02/2010	As FARC paraguaias	Brasil	-
29/09/2010	Procuram-se estrangeiros	Brasil	Europeus e norte-americanos no Brasil
EMIGRAÇÃO			
06/01/2010	Terror no Suriname	Internacional	Brasileiros no Suriname
03/03/2010	Bonjour Quebec	Internacional	Brasileiros no Canadá
15/12/2010	A outra margem do tráfico	Internacional	Brasileiros na Bolívia
IMIGRAÇÃO EM GERAL			
04/08/2010	Não ao Arizona way	Internacional	Lei de imigração nos EUA
01/09/2010	Travessia para o inferno	Internacional	México, narcotráfico, massacre, imigrantes ilegais
22/09/2010	Ciganos de volta ao lar	Internacional	Crise, perseguição, ciganos, imigrantes ilegais, xenofobia
EXAME			
IMIGRANTES NO BRASIL			
09/06/2010	Os chineses chegaram	Economia	Aborda os investimentos realizados pelos chineses no Brasil.
30/07/2010	Eles regressaram	Negócios Globais	Imigração de retorno dos brasileiros
29/12/2010	Nós precisamos de estrangeiros sofisticados para trabalhar aqui	Trabalho	Estrangeiros (não só latinos) no Brasil
CARTA CAPITAL			
IMIGRANTES NO BRASIL			
09/06/2010	Os gringos invadem o campo	Brasil	Estrangeiros controlam terras e empresas
EMIGRAÇÃO			
24/02/2010	Condenável primazia	Internacional	Brasil é o último colocado em desigualdade social
12/05/2010	Brasileiros na linha de tiro	Internacional	Brasileiros são alvos da violência policial
02/11/2010	Militância à Brasileira	Sociedade	Estudante que emerge como líder estudantil nos EUA

IMIGRAÇÃO EM GERAL			
26/06/2010	França já expulsou 8030 ciganos em 2010	Economia	Repatriação de ciganos na França
26/06/2010	Massacre de imigrantes em Tamaulipas põe à prova governo de Calderón	Internacional	Chacina de latino-americanos no México
03/07/2010	Sequestro de migrantes	Internacional	Relatório aponta número de mortos no México
10/07/2010	França muda discurso sobre expulsão de ciganos	Internacional	Críticas à política imigratória da França
01/09/2010	O conto da xenofobia	Internacional	Propaganda direitista contra estrangeiros
01/09/2010	A islamofobia européia se acentua	Internacional	Extremismo na Europa
ISTO É			
IMIGRANTES NO BRASIL			
16/06/2010	Terras brasileiras em mãos estrangeiras	Economia	Estrangeiros donos de terras
04/08/2010	Refugiados... E abandonados	Brasil	Estrangeiros perseguidos no Brasil
08/09/2010	Um novo olhar estrangeiro sobre o Brasil	Brasil	Pesquisadores estrangeiros no Brasil
19/01/2011	Sonho brasileiro	Economia e Negócios	Brasil atrai mão-de-obra
09/03/2011	Os coiotes no Brasil	Brasil	Entrada ilegal no Brasil
EMIGRAÇÃO			
06/01/2010	"Temem-se novas agressões a brasileiros no Suriname"	A semana	Brasileiros no Suriname
03/02/2010	Aventura não programada	A semana	Brasileiros no Peru
05/05/2010	Guerrilha da fronteira	Internacional	Brasileiros no Paraguai
15/12/2010	Os brasileiros compram Miami	Comportamento	Brasileiros em Miami

Para a análise da representação do imigrante na mídia no meio revista foram mapeadas 30 matérias. Desse total, a Isto É publicou nove textos, o que significa que o tema foi discutido em 30% das edições. Carta Capital foi a revista a publicar a maior quantidade de matérias sobre a questão por edição, dez, representando, 33,3%. Veja, por sua vez, também publicou oito matérias, estando presente em 26,7% das

edições, e Exame, três, pautando o tema em 10% das edições. A representação do gráfico 4 demonstra a participação do tema como pauta dessas revistas durante o período estudado:



Gráfico 4: Distribuição de publicação das matérias

A revista Exame apresenta em três edições publicações sobre a vinda de imigrantes no Brasil, especificamente com foco em negócios. A revista Isto É pautou oito matérias sobre a temática, três envolvendo a questão da emigração e quatro com a pauta sobre imigrantes no Brasil. Na revista Veja, o tema imigrantes residindo no Brasil foi pautado em duas edições. Sobre emigrantes em três e imigração, modo geral, em outras três, sendo que a questão se apresenta de forma marginal em algumas delas. Na revista não aparece especificamente a questão dos brasiguaios e latinos. Conforme representado no gráfico 5.

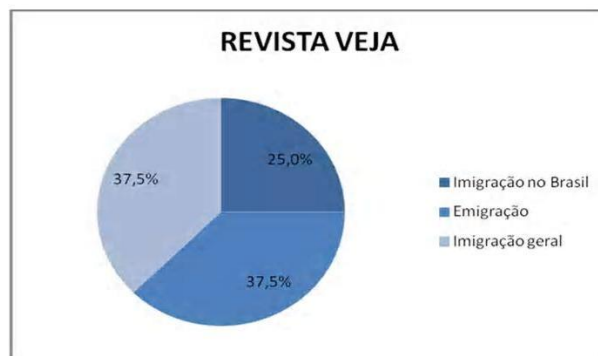


Gráfico 5: Distribuição da temática pautada na Revista Veja

Já a revista Carta Capital, que pautou a temática imigratória em dez edições, teve duas delas dedicadas a questão da imigração no Brasil, três sobre emigração e três sobre imigração em geral. Conforme se verifica no Gráfico 6.

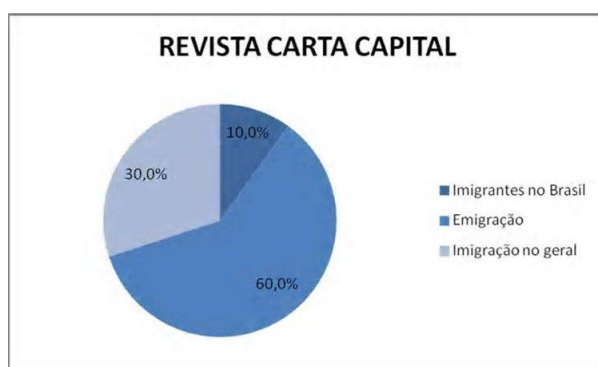


Gráfico 6: Distribuição matérias revista Carta Capital

No total das 30 matérias mapeadas, definiu-se por escolher 19 para a análise. Aquelas que não integram o perfil do recorte proposto, tal como definido na mídia jornal, foram excluídas. Considerou-se que não se enquadravam no recorte, cujo objeto é entender a representação social do imigrante na mídia utilizando as variáveis: trabalho, cidadania e identidade. As matérias suprimidas da análise discutem a questão de

tráfico de drogas, investimentos e negócios, ação de grupos armados. No quadro abaixo a listagem das matérias selecionadas:

VEJA			
DATA DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO	EDITORIA	OBSERVAÇÕES
29/09/2010	Procuram-se estrangeiros	Brasil	Europeus e norte-americanos no Brasil
06/01/2010	Terror no Suriname	Internacional	Brasileiros no Suriname
03/03/2010	Bonjour Quebec	Internacional	Brasileiros no Canadá
04/08/2010	Não ao Arizona way	Internacional	Lei de imigração nos EUA
22/09/2010	Ciganos de volta ao lar	Internacional	Crise, perseguição, ciganos, imigrantes ilegais, xenofobia
EXAME			
30/07/2010	Eles regressaram	Negócios Globais	Imigração de retorno dos brasileiros
29/12/2010	Nós precisamos de estrangeiros sofisticados para trabalhar aqui	Trabalho	Estrangeiros (não só latinos) no Brasil
CARTA CAPITAL			
09/06/2010	Os gringos invadem o campo	Brasil	Estrangeiros controlam terras e empresas
12/05/2010	Brasileiros na linha de tiro	Internacional	Brasileiros são alvos da violência policial
02/11/2010	Militância à Brasileira	Sociedade	Estudante brasileiro líder estudantil nos EUA
26/06/2010	França já expulsou 8030 ciganos em 2010	Economia	Repatriação de ciganos na França
10/07/2010	França muda discurso sobre expulsão de ciganos	Internacional	Críticas à política imigratória da França
01/09/2010	O conto da xenofobia	Internacional	Propaganda direitista contra estrangeiros
01/09/2010	A islamofobia europeia se acentua	Internacional	Extremismo na Europa
ISTO É			
04/08/2010	Refugiados... E abandonados	Brasil	Estrangeiros perseguidos no Brasil
08/09/2010	Um novo olhar estrangeiro sobre o Brasil	Brasil	Pesquisadores estrangeiros no Brasil
19/01/2011	Sonho brasileiro	Economia e Negócios	Brasil atrai mão-de-obra
06/01/2010	"Temem-se novas agressões a brasileiros no Suriname"	A semana	Brasileiros no Suriname
09/03/2011	Os coiotes no Brasil	Brasil	Entrada ilegal no Brasil

No cômputo geral, a Carta Capital é a que mais teve matérias selecionadas, a que por mais edições publicou sobre a temática. Além disso, há de se destacar que a revista é a única que utiliza, no período da pesquisa, o termo indocumentado. Neste sentido, o conceito cidadania

ainda está representado nas metáforas clandestino e ilegal, quando se procura entender o grupo temático documentação.

A Carta Capital, também é a que dedicou maior número de edições ao tema em nível internacional. Sua política editorial teve como foco primordial a Europa. Mesmo quando pautou a questão de emigrantes brasileiros, tratava-se de imigrantes brasileiros residindo em Londres. Procura, assim, ancorar a questão imigração dentro de um contexto mundial. Mas as metáforas que utiliza para objetivar sua proposta são expressas numa tonalidade e numa angulação⁶ que suscitam medo, conforme verificamos abaixo:

“Por seu lado, o ministro da imigração Eric Besson anunciou aos jornalistas que a França já expulsou este ano...” (*França já expulsou 8030 ciganos em 2010*)

“A França tenta ganhar aliados para o que passou a chamar de ‘batalha’ contra a imigração de pessoas sem documentos e as redes de tráfico humano...” (*França muda discurso sobre expulsão de ciganos*)

“Na Itália, a xenofobia é rotina há anos e grupos organizados para intimidar ciganos e africanos são legalizados...” (*O conto da xenofobia*)

É interessante observar que nas outras revistas à questão da imigração de indocumentados também tem destaque. Mas, apesar de manterem o uso das metáforas clandestino, ilegais ou invisíveis não promovem a sua ancoragem tentando transmitir a mesma sensação de medo. Essa diferença de enunciação do texto, de acordo com os veículos, fica evidente na reportagem *Não ao Arizona Way* (Veja):

“Entre os republicanos linha dura, porém, há os que se opõem a oferecer um caminho para a legalização – como se fosse possível expulsar 12 milhões de ilegais do país.”

Com relação aos imigrantes residindo no Brasil a Isto É publicou cinco matérias. A revista Exame publicou duas, sobre a mesma problemática. A revista Veja foi a que manteve maior diversidade no foco das pautas. Tanto se voltou para brasileiros emigrantes, como para imigrantes no Brasil, como imigrantes no mundo.

A grande diferença estabelecida entre as revistas está relacionada ao tom e angulação do texto produzido, o que, por sua vez, está em

⁶O tom ou tonalidade é a linguagem considerada mais apropriada para a matéria que vai ser escrita. Este é um ponto que diferencia a revista do jornal. A angulação é o rumo, a escolha de uma ou várias nuances do fato. (BOAS, 1996)

estreita relação com a linha ideológica editorial. Assim, *Veja* e *Exame* – revistas que pertencem ao mesmo grupo editorial – optam nas matérias *Procuram-se estrangeiros* (*Veja*), *Nós precisamos de estrangeiros sofisticados para trabalhar aqui* e *Eles regressaram* (*Exame*), por uma tonalidade em que o Brasil é colocado como o lugar da oportunidade, mas para pessoas qualificadas.

Em termos de objetivação, este lugar da oportunidade é representado pela metáfora Eldorado, tal como o reproduzimos da reportagem *Eles regressaram*:

“Por isso, para muitos que retornam, o Eldorado parece estar aqui, em casa. E o Eldorado significa riqueza para alguns, emprego para outros.”

A angulação, por meio dos desdobramentos no texto produzido, procura apresentar a atual fase socioeconômica do Brasil como diferente de todas as outras, pois as oportunidades são para profissionais qualificados. Essa nuance aparece no texto *Nós precisamos de estrangeiros sofisticados para trabalhar aqui*:

“Corrigan está escrevendo um novo capítulo na história da imigração do Brasil” [...] “Mais de 95% desses profissionais têm curso superior completo ou especialização técnica, o que sinaliza uma estratégia por trás da atual política de imigração do Brasil”.

Esta mesma angulação se repete em *Procuram-se estrangeiros*

“... os estrangeiros trazem experiência e qualificação [...]. Seis em cada dez profissionais ‘importados’ possuem formação universitária e praticamente todos têm o segundo grau completo.”

Contudo, observe-se que há uma contraposição quando se discute qualificação nos enunciados discursivos destas revistas e do jornal *Folha de São Paulo*. Em *Veja* e *Exame* o conceito trabalho também representa o grupo temático país de destino e qualificação – país de destino para todos os veículos, incluindo *Isto É* e *Carta Capital*, serão expressos na metáfora mercado. Indica que a representação dos veículos, e do jornalista, tem o propósito de apontar a importância de se ter pessoas qualificadas atuando no país, aqueles que Bauman (2004, 2009) chama de empreendedor/investidor/produtor.

No total das 30 matérias publicadas, a questão da imigração de latinos residindo no Brasil – em especial bolivianos e paraguaios – aparece em poucas matérias, mais especificamente nas revistas *Veja* e *IstoÉ*. Na

revista *Veja*, no texto *Procuram-se estrangeiros*, o jornalista Marcelo Sakate, esclarece que mais de 22 mil imigrantes pediram autorização para trabalhar no Brasil apenas no primeiro semestre do ano. Destaca que são profissionais atraídos pelas perspectivas econômicas e pelos bons salários, contribuindo para suprir carência de mão de obra qualificada.

A matéria tem cinco páginas, na qual se explora dados oferecidos pelo governo, se realiza várias entrevistas com imigrantes americanos e europeus, dekasseguis brasileiros, sul-americanos – um argentino e um boliviano. O objetivo é explorar o papel do Brasil como pólo de atração de profissionais qualificados, portanto, o novo Eldorado para o desenvolvimento socioeconômico.

Sobre os milhares de latinos que entram no país, indocumentados e sem qualificação, morando em São Paulo ou outras regiões do país, como noticiou o jornal *Folha de São Paulo* em várias edições, não se faz nenhum comentário. Os dois latinos entrevistados em *Procuram-se estrangeiros*, se colocam nos opostos: um o técnico da seleção de basquete, o argentino Rubén Magnano, e outro, o boliviano José Luis Chambi, costureiro.

Neste sentido, *Veja* praticamente ignora pesquisas censitárias do IBGE e pesquisas acadêmicas realizadas por estudiosos brasileiros e internacionais. Desconhece também o debate do tema que ganhou realce nos demais jornais brasileiros – apesar deste relatório trabalhar somente com a publicação da *Folha de São Paulo*, realizamos um acompanhamento do Estado de São Paulo e o *Globo*, que, durante o período, também reportaram inúmeros fatos envolvendo a questão imigração latina no Brasil.

Ressalva-se que a matéria explora os números de imigrantes que solicitam visto de trabalho – um total de 22 188 no primeiro semestre de 2010 – portanto, todos profissionais documentados. Todavia, a revista oferece um indício de que possui informação sobre os milhares de latinos indocumentados ao incluir uma fotolegenda com o boliviano José Luis Chambi. Senão, por qual outro motivo, o incluiria?

A matéria explora os imigrantes muito bem qualificados, profissionais que o jornalista descreve como “talentosos do exterior”. Quem são estes talentosos: uma engenheira química, um diretor de relações com clientes da Azul Linhas Aéreas, um técnico de basquete, um físico

pesquisador. Ou seja, com exceção de José Luis Chambi, todos profissionais que trazem, segundo o texto, “experiência e qualificação, fatores que contribuem para o aumento da produtividade no país.”

Já os imigrantes considerados refugos ou mercadorias estarão presentes nos textos da revista *Isto É*. Neles também o Brasil surge como o país da oportunidade aqui representado pela metáfora potência emergente. Mas o ângulo é outro:

“...um grupo de imigrantes entra ilegalmente no País. Incentivados pela imagem de potência emergente, esses clandestinos caem nas mãos de atravessadores estrangeiros e brasileiros, os chamados coiotes, que encontram por aqui um mercado cada vez mais promissor” (Título da matéria: *Os coiotes no Brasil*.)

Também na matéria *Refugiados... e abandonados* verifica-se este olhar para os refugos e mercadorias:

“Com exceção dos palestinos, os refugiados estão espalhados pelo território nacional. Formam uma massa invisível.”

Aqui vemos novamente a metáfora invisível para representar aquele que não é qualificado. Caso fosse qualificado não estaria abandonado. *Isto É* também vai buscar uma angulação em que se procura apontar o trabalhador qualificado atuando no país. A diferença é que ela é realizada de modo tal a tentar mostrar um equilíbrio entre estes dois extremos: qualificado e não qualificado.

Na matéria *Sonho brasileiro* esta tentativa se apresenta no desdobramento do texto:

“Os americanos são a maioria, mas há imigrantes do Equador, Colômbia, Venezuela e Argentina...”

Aqui o desqualificado surge de modo subliminar pela citação dos países da América Latina e pela utilização da conjunção adversativa. Ainda no texto *Sonho brasileiro* o Brasil é apresentado como o lugar da oportunidade. Nele novamente nos deparamos com a contradição dos fatos – dados censitários e pesquisas acadêmicas – e a angulação do texto, quando o repórter escreve:

“Ao contrário da década de 1950, quando o País incentivava a entrada de trabalhadores com pouca qualificação, hoje chegam cada vez mais profissionais experientes vindos dos Estados Unidos, da Europa e de outros países da América do Sul”

Na matéria *Os coiotes no Brasil*, *Isto É* denuncia que imigrantes

estão contratando atravessadores e pagando até R\$ 10 mil para conseguir entrar ilegalmente no Brasil. Novamente não explora nenhum levantamento censitário sobre os indocumentados. O objetivo do texto é chamar a atenção para o fato de atravessadores estrangeiros e brasileiros, considerado embrionário, à época, estarem agindo no país e este se apresentando como um mercado promissor. O tom, assim, está mais relacionado à questão de segurança pública, ancorando a representação no conceito cidadania.

O conceito identidade aparecerá nas revistas, tal como no jornal Folha de São Paulo, por meio das metáforas de estrangeiro, da nacionalidade dos indivíduos – brasileiros, americanos, colombianos, mexicanos entre outros – da identificação da região de nascimento – europeu, latino-americano, sul-americano – ou da religião – mulçumanos. Como podemos verificar nos extratos dos textos abaixo:

“... o número de brasileiros com status de residente permanente aumentou cinco vezes de 2004. Em todo o Canadá, eles já são 11000. Já forma a quarta comunidade latino-americana, depois de colombianos, mexicanos e jamaicanos.” (Título da matéria: *Bonjour Quebec*)

“Segundo o alemão Serrazin, imigrantes mulçumanos ‘não querem ou são incapazes de integrar a sociedade ocidental.’ Mulçumanos não querem aprender alemão, abusam da Previdência, fazem parte da fatia da população que mais comete crime.” (Título da matéria: *A islamofobia européia se acentua*)

“Como se sabe, o voto, nos EUA, não é obrigatório, e pesquisas mostram que cidadãos de origem latino-americana votam menos que os brancos e os asiáticos.” (Título da matéria: *Militância à brasileira*)

“Conhecidos no país por seu primitivismo, os *maroons* costumam vingar a morte de membros do grupo com uma reação descomunal.” (Título da matéria: *Terror no Suriname*)

“Os estrangeiros debandaram.” (Título da matéria: *Eles regressaram*)

A objetivação das metáforas de estrangeiro, da nacionalidade e da religião ancora-se num conjunto de idéias conhecido das sociedades e sua identidade primeira. É interessante que os meios de comunicação usam o termo comunidade – aqui comunidade latino-americana –, mas também utilizam comunidade brasileira de forma equivocada, na perspectiva conceitual de comunidade.

Entretanto, ao usá-la os veículos sedimentam a familiaridade da identidade de indivíduos, grupos e sociedades. O que, em certa medida, inclui o jornalista e o próprio veículo. Assim, utilizando uma análise comparativa entre os meios revista e o meio jornal, observamos no conceito identidade uma produção discursiva similar. O que comprova que a objetivação e a ancoragem da representação social da mídia – incluída seus produtores –, para este conceito, demonstra o mesmo compartilhamento de ponto de vista.

Todavia há outro ponto que aproxima as quatro publicações do meio revista – mas que não se encontra presente de tal forma mais no jornal Folha de São Paulo – elas expressam a ideia do Brasil como local do projeto do futuro. Esta ideia está ancorada na perspectiva da oportunidade e objetivada nas expressões Eldorado, pólo de atração, potência emergente, entre outras metáforas.

A questão que se coloca – e que este relatório de pesquisa não tem o propósito de responder aqui, nem utilizou os procedimentos metodológicos para tal – é se esta ancoragem ainda guarda relação com a memória e o imaginário nacional fundado no fluxo migratório do século XIX. Apesar dos textos tentarem mostrar que as circunstâncias socioeconômicas do Brasil do século XXI são bem diferentes daquela na qual vieram milhares de imigrantes no passado.

Em termos da objetivação e da ancoragem da representação social do imigrante e da imigração o conjunto de matérias produzidas pelo jornal Folha de São Paulo e pelas revistas Veja, Carta Capital, Exame e Isto É também apresentam similaridades ao tratar o conjunto de idéias país de destino, com a metáfora mercado. Sobressai nesta metáfora uma perspectiva econômica que se sobrepõe à social. Mais que um lugar – e neste sentido pleno de um contexto sócio-histórico e cultural – é um espaço de oportunidade.

Por mais sentidos sociais que esta ideia de oportunidade possa oferecer, ela, sobretudo, ancora a ideia de oportunidade, de melhorar de vida. Portanto, está associada a uma visão econômica, que de modo geral permeia a representação dos veículos. Agregada à idéia país de destino destacamos a de qualificação e que marca, junto com o conceito cidadania, a grande diferença entre os dois meios e entre veículos.

O jornal Folha de São Paulo pauta o tema imigração mais concatenada às informações dos problemas vivenciados no cotidiano pela

cidade, pelos cidadãos. E, nesta direção, a problemática dos latino-americanos se apresenta de forma contínua. Mesmo observando as peculiaridades referentes à produção jornalística entre os dois meios, as revistas têm a temática imigração contextualizada e ordenada discursivamente em outra perspectiva, conforme verificamos na análise produzida.

Desse modo, o estudo permite conferir que a temática imigração e o sentido de ser imigrante compõem uma representação social com diferentes vieses na mídia brasileira. Na mídia semanal, produzida pelas revistas, busca-se uma tonalidade e uma angulação de um Brasil mais real para pessoas qualificadas, talentosas. Prontas a investir, a empreender, produzir. A massa de indivíduos, que atende à metáfora trabalhador desqualificado, obteve espaço reduzido na produção jornalística.

Visão que se distancia do Brasil do dia a dia, carregado de contradições e que se inscreveu no roteiro utópico da esperança de milhares de refugos e mercadorias, tal o nível de desqualificação e despreparo. Pessoas que, diferentes dos imigrantes do século XIX, não encontram mais um país a ser construído, com fronteiras a serem exploradas. Mas um país que aprendeu a explorar o produtor e o refugo/mercadoria.

Parte III

A. Considerações Finais

Na contemporaneidade a função social do jornalismo ganha contornos de maior destaque posto o vácuo ainda existente relativo à pesquisa, análise e produção mais apuradas sobre o fenômeno migratório. É o jornalista um dos artífices da elaboração cotidiana da história de milhares de pessoas em todo o planeta que deixam família, amigos, experiências para construir uma nova vida, em outra cidade, em outro país.

Nas malas que carregam, além das roupas e da solidão encaixotada, transportam invisíveis anos de história individual e coletiva. Vivenciada ou rememorada pelos antepassados é esta memória uma das linhas que servirão como fio na trama da tecitura do trabalho jornalístico. Hábil criador de narrativas, cabe ao jornalista auxiliar na produção de entretecer a urdidura da representação social do migrante.

Na agitação das redações, é-lhe dado o ofício de escrutinar a Caixa de Pandora da sociedade, de políticos, de legisladores. Domesticando o tempo, abordando o registro histórico e estatístico como um catálogo de informações confiável, persegue pautas elaboradas com o fim de atingir objetivos e perspectivas ideológicas específicas. Com o apoio do telefone, o computador e as fontes – suas ferramentas sólidas – tenta organizar todos os indícios para contar sua história.

As vidas das pessoas perseguem diferentes caminhos abarrotados de mudanças e adaptações que executam diferentes papéis no percurso das novas gerações. Por essa razão, a habilidade do artífice jornalista possui uma função social tão importante. É dado a ele, o manuseio de uma das ferramentas disponíveis a todos e capaz de oferecer ao presente e ao futuro a recompensa do saber sobre uma era, um povo, um local.

No imaginário pós-moderno dos moradores das metrópoles e das cidades médias, em geral, há pouco espaço a ser ocupado pela imensa massa de desvalidos “estrangeiros”⁷ que enchem as ruas traçando projetos invisíveis. Nessa direção, reforça-se a importância dos *media* ao informar e construir imagens sobre a vida urbana, vinculando, em muitos

⁷Estrangeiro aqui utilizado no sentido do outro, diferente. Que não pertence aquele lugar.

casos, setores da população a experiências macrourbanas e de outros países (CANCLINI, 2003).

Essas experiências imigratórias apresentam-se de modo ambivalente para diferentes meios e veículos. No meio jornal, que reporta os acontecimentos do cotidiano, elas surgem repletas de enunciados dramáticos dos miseráveis. Nas revistas, mais aproximadas de outro público leitor, exigente de um texto tematizado e mais distante do dia a dia, os relatos se revelam mais positivos e esperançosos.

Todavia, assentado num discurso que pouco espaço deixa à contextualização, ao humano, as matérias produzidas nos expõem as transformações do jornalismo e o modo como está sendo realizado na atualidade. Fato, inclusive, que demonstra um disparate em relação à história da sociedade brasileira, configurada por vasto mosaico multi-étnico. Muitos dos nacionais, ou a maioria, vieram pobres, em busca de trabalho, num roteiro utópico da realização de um sonho no país do futuro, construído no além Atlântico em prosa e verso.

Também se contrapõe, na atualidade, essa espécie de banimento dos horrores vividos pelos bisavôs, avôs e pais da imensidão de descendentes – que ao chegarem ao Brasil viveram situações de humilhação e até de trabalho escravo. Ou seja, circunstâncias a que muitos imigrantes da atualidade estão expostos, e que são, estranhamente, ignoradas pelos porta-vozes da imprensa, que são filhos, netos e bisnetos dos imigrantes do passado. E que dada ao processo de objetivação e ancoragem da representação realizada constitui-se na atualidade como herdeiros do bem-sucedido sonho.

Há, entretanto, algumas diferenças do passado para o presente que requerem delimitação para melhor compreensão do processo: a imigração no final do século XIX e no início do XX foi incentivada pelo governo. Era constituída por povos vindos da Itália, Alemanha, Suíça, Polônia, enfim, da Europa. Europeus pobres, mas brancos, que ajudariam no desígnio sociopolítico de branqueamento da população brasileira. O processo migratório atual é composto, sobretudo, por latino-americanos, na grande maioria índios bolivianos, não-brancos, só irmanados no fato de serem igualmente pobres, como os europeus de outrora.

São refugos ou mercadorias que vêm trabalhar nas oficinas de costura com apenas 15 minutos de intervalo para almoçar, jantar, ir a ba-

nheiro. Vêm para ser contratados nos empregos domésticos, em residências que pagam menos e exigem mais do que a lei permite. São pobres que não portam uma visão de mundo desenvolvido e nem sequer possuem qualificação profissional que sirva ao apelo do discurso economicista de agregação de valor ao trabalho.

A esse jeito, se depreende como a representação do imigrante atual subliminarmente o dissocia de um contexto histórico e sociocultural e o vincula à condição de um intruso cujo valor não está atrelado a um objetivo de ordem política racional. Especialmente para a nova ordem geográfica simbólica construída transnacionalmente, na qual o Brasil ocupa um lugar metafóricamente denominado como Eldorado — potência emergente.

Os indícios subliminares desses discursos se estruturam por meio das apresentações dos levantamentos produzidos pelos órgãos públicos e reproduzidos nas matérias jornalísticas. Contudo, nelas não se reflete sobre o ser imigrante, sobre o significado de seu trabalho. Neste sentido, indaga-se: qual a representação dos jornalistas sobre o imigrante? E sobre o imigrante latino-americano? E, como consequência, não poderia ser preconceituosa tal representação? As matérias produzidas e analisadas não sinalizam no sentido do preconceito, mas evidenciam demonstrar claramente uma constante firmeza assentada na ignorância e na indiferença.

Especialmente as matérias produzidas nas revistas. Nelas o destaque são os imigrantes produtores, empreendedores. Aqueles que se assentam no país e com sua capacidade educacional, gerencial ou financeira podem ajudar a reforçar a imagem mítica do Eldorado, da potência emergente. A esses é dado espaço para enunciar seus sonhos, explicitar planos futuros, ser entrevistado e fotografado.

Revela-se, assim, na produção jornalística que as diferenças geográficas de desenvolvimento dos países do Norte e do Sul também estão configuradas no mapa racional e ideológico dos *media*. Por meio da cartografia produzida por esse mapa e representada pelas matérias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo e pelas revistas Veja, Isto É, Exame e Carta Capital, delineia-se um (outro) Brasil imigrante desigual.

Nele os fatos se apresentam com dupla face. Há por um lado a descrição dos impactos da imigração no Brasil, mas especialmente se são advindos dos imigrantes qualificados. Para estes, reserva-se angu-

lação e tonalidade que exploram o processo imigratório como um fato total, esclarecendo tanto o significado desse processo para a sociedade de origem como para a de destino do imigrante.

Porém, esta representação é significativa para as revistas. Nelas o Brasil se tornou o lugar da oportunidade para os imigrantes do Norte, incluindo brasileiros que participam do fluxo de retorno. Milhares de pessoas que perderam emprego ou que tiveram seus ganhos reduzidos na Europa e nos Estados Unidos. Pessoas, em geral, portadoras de diplomas de graduação e de pós-graduação, que vêm ocupar vagas de trabalho ou atuar em negócios que o país, muita vez, não tem quem preencha.

O jornal, por sua vez, é o espaço simbólico dos invisíveis, milhares que se transformam em números – em alguns momentos anunciadamente indesejados, tal como acontece com os haitianos no Acre. Mesmo com a OIM esclarecendo que a inserção desses indivíduos na sociedade de destino provoca melhorias na taxa de educação, de fertilidade, etc, entre membros da rede sócio-familiar desses imigrantes nos seus países de origem. Lembrando que a imigração, como afirma Gibney (2009), não é puramente uma consequência da desigualdade, como também uma causa para tal.

Nesse sentido, há de se observar que ser cartograficamente classificado como consumidor/produtor ou mercadoria/refugio implica no estabelecimento de um estatuto simbólico, portanto, subjetivo do imigrante. Estabelecido de forma racional ou não este estatuto, ele alude à construção de uma marca identitária, que “fala” sobre este cidadão (ou não cidadão) e se relaciona à perspectiva do mundo do trabalho na qual ele se insere.

Esta identidade, por sua vez, “expõe” a representação social que a mídia – e a sociedade – têm ou fazem desse imigrante. País desenvolvido – e o que implica social e economicamente para a lucratividade dos veículos terem circulação num país rico? – são países que têm mão de obra qualificada, que atraem empreendimentos, produtores de novos negócios, e que geram mais recursos.

Por outro lado, qual a marca identitária dos refugados? Da mercadoria? Ela não gera recurso, ela necessita de recurso – até para ser descartada. Como tais, imigrantes pobres são problemas, não são soluções.

Não são oportunidades. Então, por que conhecer o imaginário, os desejos, o contexto de vida desses indivíduos?

Aliás, nota-se, que resultados de pesquisas do PNUD, de acadêmicos, etc., pouco tem ressonância na produção discursiva jornalística. Pelo menos, nada ou quase absolutamente nada, se observou entre o que foi publicado nos meios de comunicação – o jornal Folha de São Paulo, por ser obrigado a acompanhar o cotidiano da cidade, trabalha mais esta questão, mas não de modo suficiente.

O jornal mantém-se no formal, no pontual. Produz como se desconhecesse a existência dos segredos na Caixa de Pandora – trata das questões sobre a vinda dos imigrantes apontadas por Marinucci (2008), por exemplo. Mas como as redes sociais atuam no imaginário? Como são os locais de tradição emigratória? Como estas redes estão se comportando agora com o fluxo de retorno de milhares de brasileiros? O que está por trás desse movimento? Foram anos morando em outro país... Em que isso altera a vida de imigrante/emigrante e de sua família, de sua cidade? Os dados mostram que há mudanças, mas quais se estabelecem?

O posicionamento ideológico dos veículos produz, desse modo, um distanciamento muito grande entre a realidade edificada no cotidiano dos imigrantes (documentados e indocumentados) e a realidade construída para os leitores “qualificados”. Tal a superficialidade com que a temática é tratada. A ausência de contextualização na produção jornalística conduz a algumas perguntas sem respostas pelo recorte da pesquisa: em que medida os jornalistas compartilham esta superficialidade? Em que medida ela é fruto da linha editorial, da rotina produtiva, dos valores-notícia?

Os contextos sociais são compostos por aspectos subjetivos e objetivos estabelecidos no dia a dia, e podem ser diferenciados a partir das experiências decorrentes da interação e da comunicação entre as pessoas. Assim, o jornalista ao realizar sua função, tem sua ação fundada por fatos e ações relacionadas à tessitura social, econômica, política e ideológica em que está inserido. E esta sinaliza o processo instituído na sua conduta profissional, carregada de significado cultural e produzido pelas representações sociais.

Dessa maneira, as representações sociais sobre os imigrantes na mídia brasileira conformam crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens

de indivíduos e grupos que são compartilhadas na sociedade. E mesmo que o jornalista não comungue com todas as idéias do grupo editorial a que tem vínculo trabalhista, sua presença no veículo indica um determinado nível de compartilhamento. Portanto, revelada em sua enunciação linguística.

Nesta direção, considera-se que os discursos comunicacionais produzidos indicam escassamente que os media dedicam pouco espaço a entender o estado limite do sentido de ser um estrangeiro. Ser um migrante implica num estatuto da diferença: social, econômica, cultural, política. Enfim, na diferença estabelecida no nível dos homens com os homens e que se apresenta em conformidade com o senso comum, com a representação social que cada sociedade atribui à diferença.

No caso do migrante, narrativas épicas e relatos jornalísticos têm demonstrado ao longo da civilização a constante: o trabalho como condição de ser do migrante. Agora aliado às questões contemporâneas, que obrigam a considerar novos desafios – entre estes, inclusive, o da ordem da mobilidade geográfica compreendida como elemento constitutivo do humano.

São questões de grande complexidade e que estão diretamente relacionadas à alteridade e sobre como a sociedade se pensa e pensa o outro. Ou seja, sobre como constrói e representa o mundo, e compartilha essa representação; e sobre como o discurso da mídia vai trazer à tona o senso comum ou questioná-lo, para promover sua mudança. No que se observou da enunciação construída sobre os migrantes esta é permeada pela discriminação – produtor/consumidor ou refugio/mercadoria.

O foco, o princípio, o meio e o fim constituem-se na aceitação, conduzida por uma representação: esse migrante é custo ou benefício? Dependendo do que oferece, recebe uma enunciação. Assim, avalia-se que, o discurso jornalístico não procura e – quando eventualmente o faz – não consegue entender o desejo impresso no imaginário migratório. Ao mesmo tempo em que se privilegia um recorte a partir de uma perspectiva econômica, pontual, na qual somente fatos específicos fazem introduzir grupos invisíveis à rotina produtiva impressa – sempre priorizando representar de forma discriminatória a diferentes grupos. Já a representação construída, por sua vez, também não busca apreender o universo cultural desses migrantes.

Afinal, quem são estes milhares de imigrantes produtores, consu-

midores, refugos e mercadorias? O que querem? Provavelmente desejam construir um futuro melhor para eles próprios e para os seus, tal como imaginaram e conquistaram os milhares de imigrantes que aqui se assentaram. Pois somos todos tecedores de uma longa aventura humana, que, miticamente, ensina que o retorno vitorioso para casa é o prêmio dos expatriados. Imagens abstratas de esperança, que, muitas vezes, se consolidam no lento movimento de absorção desses imigrantes à paisagem do mosaico de sonhos locais.

Referências

LIVROS

- BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BECKER, H. S. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CANCLINI, G. N. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DADALTO, M.C. *A imigração tece a cidade: polo industrial de Colatina*. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2009.
- GUIDDENS, A. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KUCNZIK, M. *Conceitos de jornalismo: Norte e Sul*. São Paulo: Edusp, 2002.
- LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. *Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo*. Brasília: Líber Livro, 2010.
- RODRIGUES, A. *Estratégias de comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade*. Lisboa: Presença, 1990.

- SAYAD, A. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SIQUEIRA, S. *Sonho, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/Estados Unidos*. Belo Horizonte: Argvmentvvn, 2009.
- STEINBERGER, M. B. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário na América Latina*. São Paulo: Cortez, 2005.
- THOMPSON, J. B. *Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VERÓN, E. *La semiosis social*. Barcelo: Gedisa, 1998.
- VILAS BOAS, S. *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus, 1996.

COLETÂNEAS

- CARVALHO, J.A.M. Migrações internacionais do Brasil nas duas últimas décadas do século XX: algumas facetas de um processo complexo amplamente desconhecido. In: *Migrações internacionais e a Previdência Social*. / Ministério da Previdência Social. – Brasília: MPAS, SPS, CGEP, 2006.
- CHAUVEAU, A.; TÉTARD Ph. Questões para a história do presente. In CHAUVEAU, A.; TÉTARD Ph. (Orgs). *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- IBGE. *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. IBGE: Rio de Janeiro: 2011.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- KURZ, Robert. Barbárie, Migração e Guerras de Ordenamento Mundial. In: SPM (org.). *Travessias na de\$ordem mundial*. Fórum Social das Migrações. São Paulo: Paulinas, 2005.

RODRIGUES, A. D. Delimitação, natureza e função do discurso midiático. In MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UNB, 2002.

WEBER, M. H. Visibilidade e credibilidade: tensões da comunicação política. In MAIA, R.; CASTRO, M. C. P. S. (Orgs.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. Da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS

CARVALHO, J.A.M. e MARDEN, B. A variação do saldo migratório internacional do Brasil. In *Estudos Avançados* São Paulo, volume 20, número 57, 2006.

JUNQUEIRA, L. A noção de representação na sociologia contemporânea. In *Estudos de Sociologia*. Araraquara, 18/19, 145-161, 2005.

LEVY, M. S. F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). *Revista Saúde Pública*. S. Paulo, 1974, n. 8 (suplemento): 49-90.

MARINUCCI, R. Migrações internacionais contemporâneas: as razões da crescente intensidade. In Revista In *Cammino*. XXXIII, 83 (julho/dezembro – 2008) 7-16.

PEIXOTO, J. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. Publicação seriada do SOCIUS – Centro de Investigações em Sociologia Econômica e das Organizações. *Instituto Superior de Economia e Gestão*. Universidade Técnica de Lisboa. Nº 11/2004.

SALES, Teresa; BAENINGER, Rosana. Migrações internas e internacionais no Brasil: panorama deste século. In *Travessia – Revista do Migrante*, São Paulo, 2000, n. 36, p. 33-44, jan/abril.

SAYAD, A.” O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante.” In *Travessia – Revista do Migrante*. Ano XIII, número especial, janeiro, 2000, pp.7-32.

SOUKI, L. G. A atualidade de T. H. Marshall no estudo da cidadania no Brasil. In *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2006.

ARTIGOS ONLINE

ALVIM, Z. A América e seus descobridores in Dossiê Quinhentos Anos de América. *Revista USP*, n. 12, dez/1991-fev/1992

ARAUJO, C. “Nunca tantas pessoas estiveram em movimento no mundo”. In *Veja*. 01/11/2011. <http://www.veja.abril.com.br/noticia/internacional>. Acesso em 05.12.2011.

AVILA, C. Federico Dominguez. O Brasil diante da dinâmica migratória intra-regional vigente na América Latina e Caribe: tendências, perspectivas e oportunidades em uma nova era. In *Revista Brasileira de Política Internacional*. jul./dez. 2007, v.50, n.2, p.118-128. <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v50n2/a08v50n2.pdf>. Acesso em 31.12.2011.

BAENINGER, R.; LEONCY, C. Perfil dos estrangeiros no Brasil segundo autorizações de trabalho (Ministério do Trabalho e Emprego) e registros de entradas e saídas da Polícia Federal (Ministério da Justiça). In: *Seminário sobre migrações internacionais: contribuições para políticas*. 1. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd), 2001. p. 187-242. Disponível em: http://www.cnpd.gov.br/public/obras/migracoes_frm.htm. Acesso em: 03.05.2011.

CÁDIMA, F. R. et. al. “Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa”. In *OBERCUM*, Observatório de Comunicação. Lisboa, 2003. Consultado em 22.10.2010. www.oi.acidi.gov.pt/docs/pdf. Acesso em 15.05.2010.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL). *Panorama social da América Latina 2011*. Disponível em www.cepal.org. Acesso em 14.12.2011.

- DADALTO, M. C. *Imigração e permanência do sonho*. In MATRIZES, 2011 (*Aprovado para publicação*).
- GIBNEY, M. Precarious residents: migration control, membership and the rights of non-citizens. In *Human Development Research Paper*. PNUD, 2009/10. Disponível em http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2009/papers/HDRP_2009_10.pdf. Acesso em 10.03.2010.
- HASHIZUME, M. Escravidão é flagrada em oficina de costura ligada à Marisa. In *Ong Repórter Brasil*. Disponível em: www.reporterbrasil.com.br/exibe.php?id=1714. Acesso em 17.03.2010.
- JUNGNANN, Mariana. Mudança no perfil de imigrante faz número de estrangeiros no Brasil ser o menor da história. In *Agência Brasil*. Disponível em www.agenciabrasil.ebc.com.br/arquivo/node/341285. Acesso em 15.03.2010.
- MARTINE, G.; HAKKERT, R.; GUZMÁN, J. M. *Aspectos sociales de la migración internacional: consideraciones preliminares*. 2000. Disponível em: www.eclac.cl/publicaciones/Poblacion/4/LCG2124P/lcg2124P_pres.pdf. Acesso em 04.05.2011.
- MILESI, Ir. R.; MARINUCCI, R. “Migrações contemporâneas: panorama, desafios e prioridades.” In *Ministério do Trabalho e Emprego*. Mercosul e as migrações. 2007. Disponível em: www.mte.gov.br/trab_estrang/Livro_Mersosul.asp. Acesso em: 13.12.2010.
- MAZZI, C. Migrações, novos fluxos. In www.redeoutraspalavras.net. Disponível em www.rede.outraspalavras.net/pontodecultura/2011/11/23/migracoes-o-antigo-para-iso-perdida-o-encanto. Acesso em 09.12.2011.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). *Perfil migratório do Brasil 2009*. 2010. Disponível em: www.iom.int. Acesso em: 05.06. 2010.

- PNUD 2009. *Human Development Research Paper*. Disponível em www.onu.org.br. Acesso 13.03. 2010.
- PYL, B. Anistia a imigrantes ilegais deve ser sancionada até 6 de julho. *In Repórter Brasil*. Disponível em www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=1597. Acesso em 15.03.2010.
- RIZZO, A. Dos 41.800 estrangeiros que regularizaram residência no Brasil, mais de 16 mil são da Bolívia. Disponível em www.correiobraziliense.com.br/app/noticia182/2010/01/07/brasil. Acesso em 30.07.2010.
- SALA, G. A.; CARVALHO, J. A. M. de. A presença de imigrantes de países do Cone Sul no Brasil: medidas e reflexões. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Estudos Populacionais. ABEP, v. 25, n. 2, p. 287-304, jul./dez. 2008. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbepop/v25n2/v25n2a06.pdf. Acesso em: 11.12. 2011.
- SILVA, S. A. da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *In Estudos Avançados*, São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, Instituto de Estudos Avançados, v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a12v2057.pdf. Acesso em: dezembro de 2011.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ABBAGNO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970
- BARTHES, R. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BENJAMIN, W. *I «passages» di Parigi*. Torino: Einaudi Tascabili, 2002.
- BOLLE, W. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: Edusp, 2000.
- BHABHA, H.K. Ética e estética o globalismo. IN: BHABHA, H.K.; FERRO, M.; KAGEM, M. B. et al. *A urgência da teoria*. Lisboa: Tinta-da-China MMVIII, 2007.

- BORGES, L. Lula assina lei que anistia 50 mil estrangeiros irregulares. In *Portal Terra*. Disponível em www.noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI3855403-EI306,00.html Acesso em 15.07.2010.
- BOURDIEU, P. Efeitos do lugar. In: BOURDIEU, P. (Coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CHARAUDEU, M. In Pauliukonis, Maria Aparecida Lino, Gavazzi, Sigrid (orgs). *Texto e discurso: mídia. Literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- COCCO, G. *Trabalho e cidadania: produção e direitos na era da globalização*. São Paulo: Cortes, 2000.
- ELIAS, N. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- IJSN. Nota técnica. Número 21, Janeiro, 2011.
- FREITAG, B. Berlim: memória literária e futuro político in SCHIAVO, C. ZETTEL, J. (orgs.). *Memória, cidade e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- GEERTZ, C. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GINZBRUG, C. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- KOLTAI, C. *Política e psicanálise: o estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.
- LEGENDRE, Pierre. *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática*”, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- LEGROS, Patrick et. al. *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

- MANHAES, Eduardo. Análise de discurso in DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. S Paulo: Atlas, 2006.
- POCHMANN, M. *O emprego na globalização*. SP: Boitempo Editorial, 2001.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- RODRIGUES, Márcia B.F. “Razão e Sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário” In *Revista Dimensões*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. CCHN, nº 17, 2005, pp.213-221.
- RODRIGUES, Márcia B.F. “Exclusão e imaginário político: reflexões acerca das emoções no processo de inclusão social” In PIMENTEL FRANCO, S.; VENTURA, G.; LARANJA, A. L. (ORGs.) *Exclusão social, violência e identidade*. Vitória: Flor & Cultura, 2004.
- SAID, E.W. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- SENNETT, R. *O artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SIQUEIRA, M. da P.S. “Crescimento urbano: modernização e fragmentação social”. In SIQUEIRA, M. da P.S (Org.). *Sociedade e Pobreza*. Vitória: UFESPPGHIS, 2006.
- SOUZA, J. P. *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- TRAQUINA, N. *Teorias de jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.
- WOLF, M. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2001.